

# *Educação Física e Desportos*

Nº 7 e 8 JULHO/SETEMBRO 84



**APEF** Associação dos Professores  
de Educação Física do RS

---

# 2.º Congresso Latino-americano de educação física, desporto e recreação.

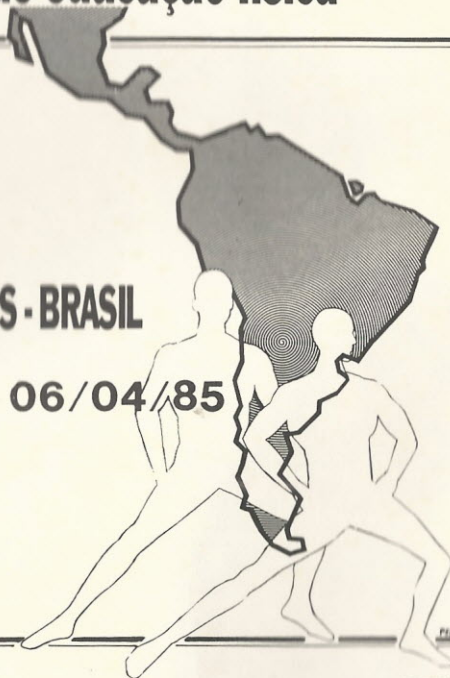
---

## 11.º Encontro Nacional de professores de educação física

---

**LOCAL: TRAMANDAÍ/RS - BRASIL**

**DATA: 31/03 A 06/04/85**



FEF - GOIACAS

**PATROCÍNIO:**  
FEF  
Prefeitura de Tramandaí.

### **PROMOÇÃO:**

Associação dos Professores  
de Educação Física do RS

**APÓIO:**

CPERS  
SEED-MEC  
VARTG/CRUZETRO  
PRODEL  
SPRINT

### **INFORMAÇÕES:**

**APEF-RS: Av. Alberto Bins, 480 - Sala 401 - Porto Alegre - RS - Brasil - CEP 90.000**

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO OFICIAL DA ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES  
DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO RIO GRANDE DO SUL - APEF/RS  
Av. Alberto Bins, 480 s/ 401 - Porto Alegre - RS  
CEP 90000

Diretoria:

Presidente: Prof. Paulo Egon Wiederkehr  
1º Vice-Presidente: Prof. Airton da Silva Negrine  
2º Vice-Presidente: Prof. Júlio Tadeu Soster  
3º Vice-Presidente: Profª Neli Santos Rocha  
4º Vice-Presidente: Profª Ilse Keitel  
Secretária Geral: Profª Denise Reis Westphal  
1ª Secretária: Profª Martha Oliva Matte  
2º Secretário: Prof. Marco Antônio Montiel Pereira  
Tesoureiro Geral: Prof. Adilson Bertei La Rosa  
1º Tesoureiro: Prof. Marino Felicidade Nunes  
2ª Tesoureira: Profª Iolanda Rosa Oliveira

S U M Á R I O

. EDITORIAL .....	2
. EXAMES MÉDICOS NAS ESCOLAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, TORNAM-SE UM TEMA POLÊMICO .....	3
Prof. Airton Negrine	
. A TEORIA DO ESTRESSE, UM PARADIGMA PARA O TREINAMENTO ESPOR TIVO .....	8
Prof. Adroaldo Gaya	
. A ESCOLA; A REALIDADE E O PROFESSOR NA EDUCAÇÃO FÍSICA- Uma reflexão crítica .....	24
Prof. L. M. Pinheiro Neto	
. A EDUCAÇÃO FÍSICA NA PROMOÇÃO DA CONSCIÊNCIA SOCIAL - Refle xões sobre a liberdade na Educação .....	35
Profª Lenea Gaelzer	
. PESQUISA EM EDUCAÇÃO FÍSICA: Qual o retorno social deste sa ber? .....	53
Prof. Apclônio Abadio do Carmo	

## EDITORIAL

Dentro de poucos dias encerrar-se-á o segundo semestre de 1984. Mesmo contando com limitações e falhas, muitas coisas boas aconteceram certamente na vida de cada um e no seio de toda a comunidade de Professores de Educação Física neste período.

Para nossa APEF/RS ocorreram vários feitos (2ª Jornada, Jantar de aniversário, Encontro com Professores etc...) que a fez crescer, não somente pelo número de Associados novos, mas também pela conscientização dos Professores. Prova disso é o engajamento de outras APEFs, representando comunidades de Professores de Educação Física de municípios e regiões do interior do RS junto a APEF/RS.

Com o término do ano, também se aproxima o 2º Congresso Latino Americano de Educação Física, Desporto e Recreação e do 11º Encontro Nacional de Professores de Educação Física, em Tramandaí de 31 de março a 6/de abril, que com certeza irá contar com sua presença para podermos não só colocar a Educação Física em um nível de destaque perante a Educação, mas também tentar trazer soluções às dificuldades visando sua melhor evolução e desenvolvimento.

A Diretoria.

EXAMES MÉDICOS NAS ESCOLAS DO ESTADO DO  
RIO GRANDE DO SUL, TORNAM-SE UM TEMA POLÊMICO

*Prof. Ailton Negrine*

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo fundamental, analisar a portaria conjunta SEC/SSMA nº 01/84 (Secretaria de Educação e Cultura e Secretaria da Saúde e do Meio Ambiente, respectivamente, do Estado do Rio Grande do Sul).

A referida portaria trata da inspeção médica do escolar para fins da Educação Física que, na íntegra, diz o que segue:

"A técnica do exame médico em massa para a detecção precoce de problemas pode resultar em inadequada relação custobenefício e número elevado de falso positivos com todas as repercussões negativas do ponto de vista emocional e físico;

Estratégias para a detecção precoce de problemas nas quais se incorporam os conceitos de vigilância permanente, auto-cuidado, exame seletivo de grupo de risco, cuidados primários de saúde, não são tem se mostrado mais racionais como mais eficientes e benéficos à população;

DETERMINAM:

1 - A inspeção médica do escolar para fins de educação física será supervisionada pelos órgãos competentes das duas Secretarias (Departamento de Saúde Pública e Departamento de Assistência ao Educando) e abrangerá as seguintes etapas:

a) Triagem familiar, constando de informações preliminares prestadas pelos pais ou responsáveis acerca de contra-indicações já conhecidas à prática de exercícios físicos;

b) Triagem escolar visando a detectar alunos com problemas para a prática de exercícios físicos, a partir da observação do desempenho do aluno feito por professores de educação física, orientado por médicos;

c) Triagem médica, consistindo no exame dos alunos detectados como portadores de problemas nas etapas a e b, realizada por médicos generalistas das duas instituições;

d) Exame especializado, a ser solicitado pelos médicos generalistas das duas instituições.

2 - A SSMA e a SEC proporcionarão todo o apoio necessário à realização do processo em suas várias etapas.

Porto Alegre, 27 de março de 1984."

São signatários desta portaria o professor Francisco de Paula Salzano Vieira da Cunha, Secretário de Educação e Cultura e o Dr. Germano Mostardeiro Bonow, Secretário da Saúde e Meio Ambiente, do Estado do Rio Grande do Sul.

ACÇÃO DA DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES  
DE EDUCAÇÃO FÍSICA JUNTO AO SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO

A Associação dos Professores de Educação Física do Estado do Rio Grande do Sul encaminhou ao Sr. Secretário de Educação e Cultura, prof. Francisco de Paula Salzano Vieira da Cunha, ofício nº 144/84, datado de 20 de agosto de 1984, onde a diretoria solicitava o atendimento de algumas questões prioritárias estabelecidas pela categoria, visando a melhoria do ensino da Educação Física.

As medidas de que tratou o referido ofício, foram as seguintes:

- 1 - Regulamentação da Educação Física na pré-escola e de 1ª à 4ª série, com professor especializado;
- 2 - Aprovação para o funcionamento de escolas novas, somente quando as mesmas possuírem condições mínimas para a prática da Educação Física;
- 3 - Canalização de recursos para a melhoria das condições físicas e materiais das escolas e não somente para as competições, criando condições mínimas de trabalho aos professores das escolas de 1ª e 2ª graus;
- 4 - Maior participação dos professores nas decisões relacionadas com a Educação Física e com as competições escolares e
- 5 - Solicitação de esclarecimento sobre a portaria conjunta da SEC/SSMA Nº 01/84.

Este ofício foi encaminhado ao Secretário de Educação e Cultura em audiência concedida a esta associação, momento em que analisamos com o Sr. Secretário as reivindicações da categoria, ficando o comprometimento de que nossas solicitações seriam estudadas por aquela Secretaria.

Mas neste artigo, queremos analisar o item 5, que trata da portaria SEC/SSMA Nº 01/84.

O que nos parece muito estranho é que, o Decreto Lei nº 69.450, de 19 de novembro de 1971, que regulamenta o artigo 22 da Lei nº 4024, de dezembro de 1961, e a alínea "c" do artigo 40 da Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, diz, no seu artigo nº 12, que se refere ao capítulo II - compensação e controle:

- "Os alunos de qualquer nível serão submetidos a exame clínico no início de cada ano letivo e sempre que for julgado necessário pelo médico assistente da instituição, que prescreverá o regime de atividades convenientes, se verificada anormalidade orgânica".

Ora, a pergunta que se impõe, é se uma Portaria Estadual pode contrariar um Decreto de Lei Federal?

Certamente, que qualquer jurista diria não! Portanto, num estado onde o programa de governo tem como prioridade básica o binômio SAÚDE-EDUCAÇÃO, nos deparamos com determinações desta natureza, o que se constitui um paradoxo entre o planejamento e a execução.

#### ANÁLISE DA PORTARIA CONJUNTA SEC/SSMA nº 01/84

Procurando informar à comunidade e aos professores de Educação Física, referente ao assunto em questão, passamos à análise da referida portaria.

O item 1) determina que a inspeção médica do escolar, para fins de educação física, será supervisionada pelo Departamento de Saúde Pública e Departamento de Assistência ao Educando e que abrangerá as seguintes etapas:

A primeira triagem seria a familiar, ou seja, a família informaria a escola que o aluno apresenta problemas físicos que impediriam a prática da educação física. Ora, como podemos transferir esta competência à família, considerando, inclusive, a conjuntura social em que vivemos?

A segunda triagem é determinada que seja feita pelo professor de Educação Física, orientado pelo médico. Aqui a portaria fica mais confusa ainda, em primeiro lugar, porque não é função do professor de Educação Física fazer diagnóstico médi-

co - diga-se de passagem, nem tem formação para tal - e, em segundo lugar, como orientado por médico, se as escolas não dispõem de médicos?

É sabido também, que os centros de saúde localizados nas periferias dos centros urbanos não dispõem de recursos humanos nem para atender à população carente, como iriam atender ainda aos escolares?

A inferência que pode se fazer frente à situação apresentada, é que procura-se resolver um problema de tão alta relevância através de um mecanismo totalmente inócuo.

No nosso entender, é necessário que se encare o problema da saúde escolar com maior seriedade, pois quem está em contato diário com a realidade escolar, sabe perfeitamente que os problemas de saúde escolar se constituem uma das variáveis fundamentais no processo ensino-aprendizagem.

#### ESCLARECIMENTO DO DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA AO EDUCANDO

Em ofício circular DAE nº 080/84, de 26 de junho de 1984, o departamento acima citado procura dirimir dúvidas referentes à interpretação da portaria conjunta SEC/SSMA nº 01/84, esclarecendo o que segue:

Primeiramente, diz que a portaria não veda a realização de exame médico à prática da educação física a qualquer aluno e no parágrafo seguinte fala que os alunos que tenham condição de fazê-lo e o desejarem, poderão realizar o exame médico através de médicos particulares, ou instituição de que sejam beneficiados. Ora, pergunta-se, quem pode pagar médico particular? Em segundo lugar, como pode um departamento de uma Secretaria de Educação desconhecer a realidade em que está inserida, recomendando passos totalmente inexecutáveis.

Neste mesmo ofício que se diz esclarecedor, afirmam que o exame de massa é de difícil execução e que traz resultados pouco eficazes, quando não, absolutamente inócuos. Aqui cabe uma indagação, será que a classe médica, através de suas representações de classe, foi consultada, para se fazer esta afirmativa? Gostaríamos ainda de indagar como pode-se fazer tais afirmativas, quando em escolas particulares, onde médicos realizam estes exames em massa, os resultados obtidos são altamente significativos?



Parece-nos que a questão não é bem essa. Não podemos aceitar que a classe médica não disponha de mecanismos didáticos para a avaliação em massa. Nossa experiência como profissional junto a médicos especialistas em medicina esportiva, mostraram que os resultados são relevantes.

O que é necessário é que, primeiramente, contratem-se médicos para tal fim e, em segundo lugar, se remunere adequadamente estes profissionais.

### CONCLUSÕES

Considerando a situação em que os professores de Educação Física trabalham, as exigências determinadas pelo sistema educacional, a formação recebida nas Universidades, a relevância do seu desempenho docente e a importância do exame médico para a prática da Educação Física, se faz necessário colocar algumas sugestões à comunidade e aos colegas professores de Educação Física:

- 1 - a comunidade escolar deve exigir o exame médico dos alunos, para a prática da Educação Física;
- 2 - a portaria da SEC/SSMA nº 01/84, além de ser ineficaz, contraria uma lei maior, portanto, não deve ser considerada;
- 3 - a classe médica deve ser ouvida, para dar sua posição mediante suas representações de classe, visto que a portaria passa, além de restringir o trabalho médico tão importante com prevenção de saúde da população escolar, determinar que pessoas sem formação para tal tenham que emitir diagnóstico;
- 4 - os professores de Educação Física devem reunir-se por escolas, por bairros, por municípios e discutir o assunto com maior profundidade, procurando a sua entidade de classe para suas reivindicações;
- 5 - os professores de educação física devem participar mais ativamente das Associações de Professores, para que coisas dessa natureza não venham mais acontecer.

Finalmente, observa-se que aquelas escolas que mais precisam de auxílio e assistência, que são as escolas da periferia, considerando que constituem a clientela mais necessitada da população, são, sempre, as mais prejudicadas. Precisamos, nós, professores de Educação Física, trabalhar mais unidos, para que, num futuro bem próximo, ajudemos a reverter este processo.

Prof. Adroaldo Gaya  
ESEF - UFRGS

## INTRODUÇÃO

O rendimento físico de um indivíduo aumenta sob a ação do treinamento, do esporte e de outras formas que desenvolvem suas potencialidades físicas. Esta adaptação, que resulta no estado aumentado da capacidade de rendimento, pode ser explicada pela teoria do estresse, se considerarmos o treinamento ou o esporte como um agente estressor. Desta forma, o presente capítulo objetiva o estudo da teoria do estresse e sua aplicação ao treinamento desportivo, bem como, a partir daí, oportunizar bases para um entendimento mais amplo e mais claro dos princípios que regem os fenômenos do treinamento físico.

## A TEORIA DO ESTRESSE

O estado de equilíbrio do organismo vivo, em relação às suas várias funções e à composição química de seus fluídos e tecidos, é denominado de HOMEOSTASE (do grego: homeostasis). Todo o organismo vivo tende a permanecer em equilíbrio estável com o meio ambiente. Porém, esta permanência pode ser seguidamente alterada, através de estímulos diversos tais como o frio, altitude, traumatismo ou esforço físico, gerando como consequência uma série de reações dos múltiplos componentes orgânicos (células, órgãos, tecidos) em busca do restabelecimento do equilíbrio.

Este estado de desconforto, manifestado por tal síndrome de adaptação, é denominado de ESTRESSE OU ESTRICÇÃO (do inglês: stress).

"Estresse é um estado de luta que tem o indivíduo para manter um equilíbrio entre a situação de seu organismo em relação ao agente estressor".

(Hegedus, 1969)

Segundo Tubino (1979)<sup>1</sup>, as investigações sobre este fenômeno tiveram início em 1920, com Canon e Hussay, e tiveram grande relevância no período entre 1950 e 1970, onde se destacam os nomes de Hans Selye e Von Euler.

"O Estresse é manifestado por uma síndrome específica, que consiste em todas as trocas não especificamente induzidas dentro de um sistema biológico".

(Selye, 1965)

Como dizem Morehouse e Miller, estresse "consiste nas trocas corporais produzidas por condicionamentos fisiológicos e psicológicos que tendem a alterar o equilíbrio homeostático". (1974)

#### REAÇÕES ORGÂNICAS AO ESTRESSE FÍSICO

Segundo Selye (1965), quando da existência de um agente estressor, este determina uma reação de estresse generalizada no organismo (síndrome geral de adaptação), atuando por via neural (nervosa) e hormonal.

Atuando primeiramente por via neural, estimula a secreção da adrenalina e da noradrenalina pelos neurônios pós-ganglionares do sistema nervoso simpático<sup>2</sup> e a medula da supra-renal.

Estes efeitos levam as primeiras reações orgânicas ao agente estressor ou, como coloca Gardner e Col (1974), são as respostas agudas ao estresse, ou resposta luta-ou-vôo ou fuga-luta, segundo Vander (1981).

Como consequência ao desencadeamento destes processos, observa-se:

a) Aumento do metabolismo cardíaco: Pela ação do sistema nervoso simpático, a atividade cardíaca é estimulada, dilatam-se as coronárias, aumentando, consequentemente, a nutrição do miocárdio. Segundo Astrand (1977), o incremento da frequência cardíaca é linear ao incremento do trabalho físico, embora possa variar marcadamente como consequência de estresse emocional ou, ainda, por outros fatores como a massa muscular envolvida na atividade, retorno venoso, trabalho estático, posição corporal e variação da temperatura.

b) Aumento da tensão arterial e do débito cardíaco<sup>3</sup>: Para Guyton (1976), talvez a função mais importante do sistema nervoso simpático seja o controle dos vasos sanguíneos. Os vasos sofrem constrição por sua estimulação, embora outros, como as coronárias e os dos músculos esqueléticos em atividade, por consequência de metabolismo local, sejam dilatados.

A constrição das veias e dos reservatórios venosos, pelo sistema simpático, aumenta o débito cardíaco e a constrição das arteríolas aumentam a resistência periférica, elevando a tensão arterial. É importante ressaltar, porém, que o aumento da tensão arterial e do débito cardíaco são conseqüências, também, de uma intensa constrição dos vasos sanguíneos renais, que diminuem a produção de urina, aumentando a retenção de líquido ao sistema circulatório, aumentando o volume sanguíneo, o retorno venoso e, conseqüentemente, aumentando tais parâmetros circulatórios por um tempo que poderá variar entre horas, até dias.

c) Liberação da glicose pelo fígado: Pela estimulação do simpático, é provocado um rápido desdobramento do glicogênio em glicose, pelo fígado, e a liberação desta, na circulação sanguínea. Este aumento do nível de glicose fornece rápido suprimento nutritivo às células teciduais, efeito relevante durante a execução dos exercícios físicos. (Guyton, 1976)

d) Desvio de fluxo sanguíneo para os músculos durante exercícios: Durante o exercício, duas partes separadas do sistema simpático são estimuladas: as fibras vasodilatadas para os músculos esqueléticos e as fibras vasoconstritoras para a maioria das outras regiões. (Guyton, 1976)

Estes efeitos são conseqüências de estímulos nervosos que fluem do córtex motor<sup>4</sup> às regiões simpáticas do tronco cerebral. Desta forma, durante o exercício, há um grande fluxo sanguíneo para o músculo em atividade (Astrand, 1977), permitindo um melhor desempenho físico.

e) Aumento do metabolismo geral: Tubinõ (1979), Selye (1965), Hegedus (1969), Morehouse e Miller (1974), Gardner e Col (1977), Guyton (1976) e tantos outros, quando referem-se aos efeitos do estresse, citam a estimulação do metabolismo total. As evidências sugerem que a estimulação simpática aumenta o metabolismo de todas as células do corpo. (Guyton, 1976). As fibras nervosas simpáticas, espalhadas por todos os tecidos, permitem que cada célula em funcionamento receba, pelo menos, uma pequena quantidade de noradrenalina, secretada pelas terminações nervosas simpáticas. Este hormônio aumenta a taxa global do metabolismo corporal, permitindo, por exemplo, que o corpo execute uma quantidade de trabalho superior aquela que seria obtida de qualquer outra forma, durante a prática de exercícios ou outras atividades. Tais efeitos, no entanto, podem desaparecer em pouco tempo (minutos ou segundos), uma vez cessado o agente de estrição.

Atuando por via hormonal, o agente estressor pode originar, da mesma maneira, por trocas lentas em atividades metabólicas, os mecanismos de defesa, devido a ativação do sistema hipotalâmico-hipofisiário<sup>5</sup>. (gardner e Col, 1974). Vejamos:

O agente estressor provavelmente excite o hipotálamo pela recepção de impulsos nervosos advindos da periferia. Deste modo, ele secreta uma substância denominada fator liberador de corticotropina. Esta substância, por intermédio do sistema venoso porta<sup>7</sup> hipotalâmico-hipofisiário, passa para a adeno-hipófise onde é secretado a corticotropina que, por sua vez lançada na corrente sanguínea, chega ao córtex da supra renal, onde é secretado o cortisol e outros glicocorticóides em menor escala.

Tais glicocorticóides mobilizam proteínas e gorduras de todo o organismo e também promovem, junto ao fígado, a gliconeogênese<sup>8</sup>. Esta disponibilidade aumentada de aminoácidos, gordura e glicose auxiliam a reparar os danos corporais, conseqüências do agente estressante e, mais, criam resistência atenuando, assim, os efeitos deste agente estressor.

Selye, citado por Morehouse e Miller (1974), refere, ainda, a atuação da glândula hipófise que secreta STH (hormônio somatotrófico)<sup>9</sup> que, atuando no córtex da supra-renal, estimula a produção de mineralocorticóides, principalmente a aldosterona<sup>10</sup> que causaria a retenção do sódio e perda de potássio.

Vander (1981) corrobora tal afirmativa acrescentando, ainda, a produção do hormônio antidiurético (ADH)<sup>11</sup> que, assegurando a poupança de sal e água, asseguram uma adaptação importante diante das perdas de potenciais eletrolíticos ocasionadas por hemorragias ou sudorese, em se tratando de treinamento físico.

Os hormônios do crescimento<sup>12</sup>, aumentados em situação de estresse, parecem reforçar os efeitos antagonistas à insulina do cortisol e os efeitos mobilizadores de gordura da adrenalina. Além disso, provavelmente estimule a captação de aminoácidos por um tecido lesado facilitando a reparação tissular. Mas, porém, como este hormônio não pode antagonizar os efeitos generalizados sobre o catabolismo protéico do cortisol, não impedirá o processo da gliconeogênese. (Vander, 1981)

Como podemos notar, os efeitos do estresse sobre os hormônios não está findo. Muitas dúvidas permanecem, muitas explica-

ções carecem de significado definitivo. É provável, como refere VANDER (1981), que a secreção de quase cada um dos hormônios conhecidos possa ser influenciado pelo estresse. Por exemplo: a tiroxina<sup>13</sup> e o glucacôn<sup>14</sup> estão frequentemente aumentados enquanto as gonadotrofinas hipofisiárias (LH e FSH)<sup>15</sup>, a insulina<sup>16</sup> e os esteróides sexuais (testosterona e estrógeno) estão diminuindo.

Como podemos observar, o significado adaptativo de muitas alterações ainda não é conhecido, embora suas possíveis contribuições aos processos de restituição, induzidos por estresse, possam ser muito relevantes.

### EFEITOS DO ESTRESSE

A partir da individualidade biológica e da intensidade dos estímulos estressores, os indivíduos são afetados pelo estresse em três graus:

1. Grau de excitação: Quando ocorre que o estímulo estressor rompe o equilíbrio orgânico (choque) e, imediatamente, o organismo põe em funcionamento processos de defesa (contra-choque). Ao desenvolver o contra-choque, a atividade corticóide eleva-se abruptamente, como já visto à linhas atrás. Neste primeiro grau, porém, o organismo tenta limitar o estresse à menor área possível. Se consegue seu intento, a atividade corticóide torna a seu nível normal. (Morehouse e Miller, 1974)

2. Grau de adaptação: Quando ocorre que o estímulo estressor continua até produzir o colapso das células afetadas, a reação orgânica (contra-choque) se estende a áreas adjacentes, voltando a elevar-se a atividade corticóide. Neste caso, o contra-choque, segundo Hegedus (1969), possibilita um estado de resistência ao agente estressor, caracterizando o grau de adaptação.

Grau de exaustão: Quando os estímulos estressores sobrepassam a resistência orgânica, advém o esgotamento. Este grau se caracteriza por reações inespecíficas que são prejudiciais podendo, em caso extremo, ocasionar a morte do sujeito afetado.

Partindo da premissa de que a faixa de adaptação a um agente estressor se modifica pela aplicação crescente e progressiva deste agente e, considerando o treinamento físico como um estímulo de estrição, obviamente a determinação correta da quantidade e intensidade do treinamento, bem como sua progressão, formam as bases de todo o seu estudo (Gaya e Col, 1979), daí a

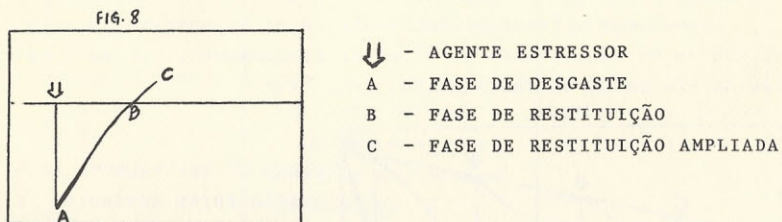
proposição deste trabalho que sugere a teoria do estresse como um paradigma na evolução do treinamento físico.

#### SISTEMÁTICA DE ADAPTAÇÃO AO TREINAMENTO FÍSICO

Nöcher (citado por Barbante, 1979, p.49), afirma:

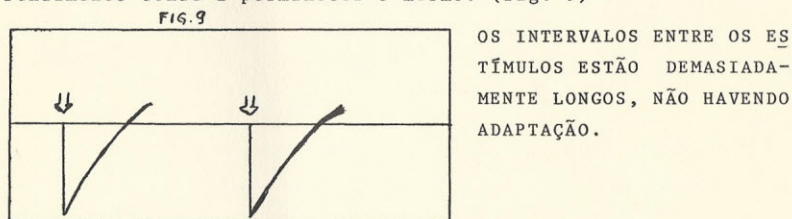
"...todo o estímulo a um movimento causa um consumo de substâncias. Esse consumo, contudo, traz prontamente em si o estímulo a uma nova reposição".

Os elementos energéticos utilizados durante o esforço em um estímulo estressor de intensidade, que provoque adaptação, são repostos através da alimentação adequada, de tal modo, que passam ou sobrepõem o seu nível inicial. Este fenômeno é conhecido por supercompensação (Pavlov) ou restituição ampliada, como propõe o soviético Uthomsky. (fig. 8)



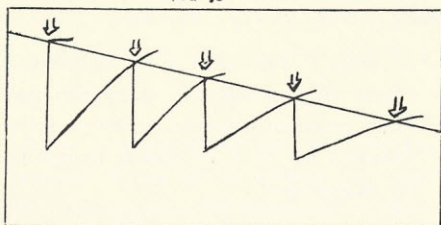
Como já citado anteriormente, para que haja a recomposição dos elementos energéticos (supercompensação), além da alimentação, se faz necessário um período de intervalo entre sessões de treinamento. Este espaço é denominado de Período de Assimilação Compensatório.

O Período de Assimilação Compensatório, segundo Pavlov (1950), está relacionado com o próprio treinamento aplicado, posto que os efeitos produzidos têm duração determinada, os quais, após certo tempo, desaparecem gradativamente. Deste modo, se o tempo decorrido entre um treinamento e outro for longo, o nível de rendimento tende a permanecer o mesmo. (fig. 9)



Porém, se o tempo entre sessões de treinamento for demasiado estreito, há um desgaste orgânico, de tal ordem, que se quer o nível de restituição normal. (fig. 10)

FIG 10

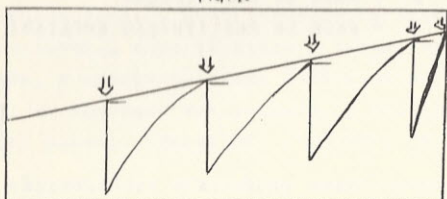


QUEDA DA CONDIÇÃO FÍSICA POR PERÍODOS INADEQUADOS DE INTERVALO.

Por outro lado, obtem-se a adaptação ao treinamento quando da ótima relação entre o agente estressor (intensidade de treinamento), o intervalo (período de assimilação compensatório) e a contínua e progressiva aplicação destes agentes.

Quando estes fatores são dosados para desenvolverem, consolidarem ou conservarem um nível de treinamento, passam a denominar-se CARGA DE TREINAMENTO. (fig. 11)

FIG 11



CARGA DE TREINAMENTO ADEQUAÇÃO ENTRE ESTÍMULOS E INTERVALOS PROPORCIONANDO ADAPTAÇÃO.

Para o estudo da determinação da carga de treinamento, é necessário que se conheça seus componentes - intensidade, duração, intervalo, frequência e volume -, pois sobre elas é que se erguerão os objetivos de todo o programa de aperfeiçoamento físico, que se faz através do desenvolvimento das diversas propriedades motoras. (fig. 12)



FIG. 12

Elementos quantitativos do  
programa de treinamento

ELEMENTO	CONCEITO	UNIDADES
Intensidade	É a "força" de um estímulo	Relativa: % $VO_2^{m\acute{a}x}$ (MET ou $ml\ O_2/Kg'min^{-1}$ ) Absoluta: m/mih na corrida ou marcha; watt na pedalada
Duração	É o tempo de atuação de um único estímulo	Tempo: segundos ou minutos
Volume	Relação entre a duração e as repetições de todos os estímulos	Nº de repetições quilométragem
Frequência	É o número de sessões em um período determinado	Vezez por dia Vezez por semana
Intervalo	Relação temporal entre a carga e a fase de recuperação	Tempo: segundos, minutos ou horas

FONTE: Andrade e Gaya, 1983

## INTENSIDADE

A intensidade é caracterizada pela "força" de estímulo em um determinado tempo. Nos exercícios de velocidade e resistência, a intensidade é medida por velocidade (m/seg); pela frequência de movimento (número de passadas) ou tomando como referência o desempenho individual máximo (% de carga máxima).

Nos exercícios de força, mede-se a intensidade pela grandeza da carga ou oposição (Kg, Kgm ou Kgm/seg.) ou, ainda, por percentual de carga máxima de desempenho individual (musculação).

Segundo Carl (citado por Gaya e Col., 1979), no treinamento de força, existem 5 níveis de intensidade:

- 30 a 50% = fraca
- 50 a 70% = leve
- 70 a 80% = média
- 80 a 90% = sub-máxima
- 90 a 100% = máxima

Em treinamento aeróbio (corrida, natação, etc.), diversos autores relatam os limites de intensidade. Astrand e Rodhal... (1977), referem os limites entre 50 a 80% do volume máximo de oxigênio; Hellerstain (1973), entre 60 a 80% do  $VO_{2m\acute{a}x.}$ . Balke (1973), sugere entre 45 a 80% do  $VO_{2m\acute{a}x.}$ . De outro lado, tais autores correlacionam o  $VO_2$  com a frequência cardíaca. Neste caso, Astrand e Rodhal estabelecem a intensidade de treinamento em torno de 150 sístoles por minuto; Hellerstain, sugere os limites entre 80 a 90% da frequência cardíaca máxima.

## INTERVALO

O intervalo é a relação temporal entre a carga e a fase final de recuperação em um treinamento. É determinado pelos próprios objetivos do treinamento e pelos componentes: intensidade e duração.

A carga e a recuperação são conjugadas pela pausa. Uma pausa ótima, assegura a eficiência da carga e previne o esgotamento do indivíduo.

No treinamento da resistência, as cargas contínuas, com intensidade no âmbito inferior ao equilíbrio de oxigênio, apenas desenvolvem a capacidade de suportar esforços, durante um longo

tempo. Para se obter resistência à carga mais alta, assim como na aplicação do método intervalado, o intervalo ótimo terá a proporção de 1x0.5 até 1x1 (por exemplo: 1 min. de carga por 30 seg. de recuperação ou 2 min. de carga por 2 min. de recuperação). Antes de iniciar nova carga, a frequência cardíaca deve estar entre 120 a 140 sístoles por minuto.

Cargas com intensidade sub-máxima, visando desenvolver a resistência anaeróbia, exigem intervalos mais longos (1:3 a 1:6).

No treinamento de velocidade e força, com intensidade sub-máxima até máxima, deve-se dar um intervalo de 2 a 5 minutos entre cada série ou cada estímulo, respectivamente.

Em um treinamento intervalado, deve-se observar que o "optimum" do efeito somente é obtido com uma seqüência certa de carga e recuperação. Quanto maior a intensidade de carga ou sua duração, mais longo o intervalo. Entretanto, a duração do intervalo irá sendo reduzido à medida que a forma física progredir.

#### DURAÇÃO

Duração é o tempo de atuação de um único estímulo como, por exemplo, a duração de uma série no treinamento de força (musculação) ou a duração de uma fase de esforço em algum exercício cíclico.

A duração, em conjunto com outros componentes da carga, pode influenciar a eficácia, bem como, modificar os efeitos do treinamento. Por exemplo, para o desenvolvimento da força máxima (musculação) é necessário, não somente, que a contração muscular seja intensa, mas também, que tenha uma duração relativamente longa. A força máxima desenvolve-se melhor com o uso de grandes cargas, do que com pequenas cargas. Segundo Hetinger (1968), no treinamento isométrico de força (musculação), a duração deve ser, no mínimo, de 20 a 30% do tempo de contração máxima possível.

Muitas pesquisas foram realizadas sobre a importância da duração no treinamento aeróbio. As evidências parecem sugerir que, para haver efeito, além de uma intensidade eficaz, a duração mínima deva ser de, aproximadamente, 30 minutos, em se tratando de cargas contínuas.

Reindell (1962), afirma que cargas intervaladas de duração inferior a 60 segundos e intensidades sub-máximas aumentam o consumo de oxigênio e o débito cardíaco, constituindo-se em um estímulo especial para o aumento do volume cardíaco.

No treinamento de explosão e de velocidade, a duração deve ser tal que, o cansaço decorrente, não limite sensivelmente o rendimento, diminuindo a frequência de movimentos ou reduzindo a amplitude dos mesmos. Para desenvolver velocidade, são eficientes os estímulos que permitem o máximo desempenho. (Esta observação é apenas para demonstrar a diferença entre o treinamento de explosão, velocidade e a resistência muscular localizada).

O treinamento da resistência muscular localizada visa a uma alta capacidade de resistir à fadiga. Portanto seria incorreto interromper o exercício, ao primeiro sinal de cansaço. Pelo contrário, a duração deve ser tão longa que obrigue a uma grande interferência da força de vontade do indivíduo, a fim de completar o trabalho que, por sinal, é o que mais nos interessa, em termos de performance muscular (musculação), juntamente com a flexibilidade e alongamento.

#### VOLUME DE CARGA

O volume resulta da duração e das repetições de todos os estímulos em um treino. Nos esportes cíclicos de resistência, o volume é representado pela quilometragem (correr, nadar); no treino da resistência muscular localizada, pelo número de repetições dos movimentos; no treinamento de força (musculação), pela soma da carga levantada; nos exercícios de ginástica, jogos e lutas (judô, karatê e capoeira), muitas vezes pelo tempo de duração.

Uma carga de determinada intensidade, só produzirá efeitos se alcançar um volume adequado. Isto vale, tanto para o desenvolvimento de qualidades físicas e psicológicas como, também, para o aperfeiçoamento da técnica desportiva. É através do "Optimum" de repetições que se obtém o aperfeiçoamento da condição física e da técnica desportiva.

#### FREQÜÊNCIA

A teoria do treinamento sugere que as capacidades de rendimento e de carga progridem tão rapidamente, quanto mais frequente for o treinamento, desde que, em cada sessão, a carga seja

eficaz. Isto vale para indivíduos em todas as idades. Como, à medida que o estado de treinamento evolui, o processo de recuperação é acelerado, a frequência do treinamento deve aumentar gradualmente. Dependendo do tipo de esporte de esporte e do nível de treinamento, os indivíduos iniciantes devem realizar de 3 a 5 treinos por semana.

Não é aconselhável aumentar, demasiadamente, o volume de carga em uma sessão, em prejuízo da frequência do treinamento, pois isto produziria muita fadiga e tiraria a eficácia da carga, além de, com a continuidade, aumentar o risco de lesões e doenças. (Gaya e Col., 1979)

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o treinamento físico e o esporte como agentes estressores, o adequado entendimento dos processos que o envolvem é de relevante importância na teoria do treinamento físico.

O treinamento físico e o esporte, como agentes estressores, desencadeiam uma série de reações orgânicas por via neural e hormonal:

- a) Aumenta o metabolismo cardíaco
- b) Aumenta a tensão arterial
- c) Aumenta a liberação de glicose pelo fígado
- d) Proporciona o desvio de fluxo sanguíneo para a periferia
- e) Aumenta o metabolismo geral por ação somatotrófica

Dependendo da intensidade do agente estressor ou do intervalo entre dois estímulos consecutivos, o organismo reage em três graus distintos:

- a) Grau de excitação
- b) Grau de adaptação
- c) Grau de exaustão

Para efeitos de desenvolvimento da capacidade física, tema deste capítulo, o grau de reação ao estresse, que estabelece o fenômeno da supercompensação, é o da adaptação. Desta forma infere-se que, para atingir este grau desejado, o treinamento deve ser adequado ao sujeito, a ele submetido. Este grau de adequação é estabelecido pela correta manipulação das variáveis que qualificam o treinamento, que são:

- a) Intensidade
- b) Duração
- c) Intervalo
- d) Frequência
- e) Volume

O perfeito equilíbrio entre estas variáveis, é denominado CARGA DE TREINAMENTO.

A partir da determinação da carga de treinamento, embasado na teoria do estresse, conclui-se o presente capítulo com os princípios fundamentais do treinamento físico: (ver OTANEZ, 1982)

1º) PRINCÍPIO DA INDIVIDUALIDADE BIOLÓGICA - Considera-se o fenômeno da variabilidade entre elementos da mesma espécie. Cada ser humano possui uma estrutura própria, o que obriga estabelecer-se diferentes tipos de condicionamento para um processo de preparação desportiva. (Tutino, 1979)

2º) PRINCÍPIO DA GLOBALIDADE - O treinamento físico deve ser encarado como um processo total que compreenda o indivíduo a ele submetido como um ser somático, físico, psicológico e social.

Desta forma, as atividades a desenvolver neste sujeito, respondam a utilização de variados recursos e técnicas para alcançar rendimento.

3º) PRINCÍPIO DE PROGRESSÃO - Para que o organismo possa suportar o regime de treinamento, sem perigo à integridade física, é necessário aplicar os estímulos em forma paulatina e progressiva, de acordo com a adaptação funcional que vai adquirindo o treinado, pela dosificação adequada das cargas de treinamento.

4º) PRINCÍPIO DA ESPECIFICIDADE - É necessário recordar que os estímulos aplicados no treinamento possuem efeitos sobre o organismo. Isto significa dizer que se ativa, especificamente, determinadas funções. Assim, os efeitos do treinamento de velocidade, por exemplo, são distintos e um treinamento de força. Da mesma maneira, é necessário realizar a tarefa do treinamento cumprindo as exigências particulares do esporte ou atividade física, aperfeiçoando as capacidades motoras mais específicas.

59) PRINCÍPIO DA CONTINUIDADE - As sessões de treinamento, tanto para aumentar como para manter a "forma desportiva", devem realizar-se regularmente sem interrupções prolongadas. Como já referido no corpo do capítulo, o intervalo demasiadamente grande entre dois estímulos, não permitirá ao indivíduo a somação de períodos de assimilação compensatório, consequentemente, não aprimorando sua condição física.

#### NOTAS

1. Tubino (1979, p. 101), traz um quadro com bibliografia relevante sobre a teoria do estresse.

2. Sistema Nervoso Simpático: O sistema nervoso autônomo se divide em sistema nervoso simpático e sistema nervoso parasimpático. Esta divisão está baseada na distribuição anatômica das fibras nervosas, nos efeitos orgânicos geralmente antigônicos e, nos diferentes hormônios secretados nos terminais nervosos. (Guyton, 1976)

3. Débito Cardíaco: Quantidade de sangue bombeada pelos ventrículos em um minuto. É o produto da frequência cardíaca pelo volume sistólico.

4. Córtex motor: Camada que cobre os hemisférios cerebrais com poucos milímetros de espessura e composto de substância cinzenta.

5. Sistema hipotalâmico-hipofisiário: Sistema que compreende o hipotálamo e a glândula hipofise, ligados por um conjunto de veias denominadas sistema porta hipotalâmico-hipofisiário.

6. Hipotálamo: Grupo de núcleos na base do cérebro, em relação com o soalho e as paredes do terceiro ventrículo.

7. Sistema Venoso Porta: Conjunto de veias que não apresentam válvulas.

8. Gliconeogênese: Formação de glicose a partir de proteínas e, em menor parcela, a partir de proteínas e gorduras. A gliconeogênese fornece glicose ao sangue em períodos de inanição.

9. Hormônio Somatotrófico: Hormônio que age sobre o sistema glandular em geral. Hormônio Somatotrópico, quando age sobre o organismo em modo geral.

10. Adosterona: Mineralocorticóide secretado pela córtex da supra-renal, com ação sobre o metabolismo do sódio e potássio.

11. ADH: Hormônio anti-diurético.
12. Hormônio de crescimento: Hormônio Somatotrófico, secretado pela adeno-hipófise (STH).
13. Tiroxina: Hormônio secretado pela tireóide.
14. Glucacon: Hormônio secretado pelas células das ilhotas de Langerhans. Sua ação produz a glicogenólise, que é o desdobramento do glicogênio em glicose.
15. Ganodotrofinas hipofisiárias: São três hormônios secretados pela adeno-hipófise, relacionados com função sexual.
16. Insulina: Hormônio secretado pelo pâncreas cuja função é aumentar o transporte de glicose através da membrana celular.
17. MET: Correspondente metabólico a um consumo de oxigênio equivalente a  $3.5 \text{ ml (kg. min)}^{-1}$ .

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDRADE, B.J. & GAYA, A.C.A. Treinamento físico do sedentário e do coronariopata. In: PINI, M.C. Fisiologia esportiva. São Paulo, Koogan, 1983.
2. ASTRAND, P.O. & RODAHL; K. Textbook of work physiology, 2. ed. New York, McGraw-Hill, 1977.
3. BALKE, B. Como prescrever exercícios. Medicina Esportiva. Porto Alegre, 1(3):107-113, jun. 1974.
4. BARBANTI, V.J. Teoria e prática do treinamento desportivo. São Paulo, Edgard Blücher, 1979.
5. GARDNER, E. & col. Anatomia: estudo por regiones del cuerpo humano. Barcelona, Salvat Ed., 1974.
6. GAYA, A.C.A. & col. Bases e métodos do treinamento físico-desportivo. Porto Alegre, Sulina, 1979.
7. GUYTON, A. Fisiologia humana. 4.ed. Rio de Janeiro, Intera americana, 1976.
8. HEGEDUS, J. Teoría general y especial del entrenamiento de portivo. Buenos Aires, Stadium, 1969.
9. HELLERSTEIN, H.K. & col. Principles of exercises prescription for normal and cardiac subjects. In: NAUGHTON, I. & HELLERSTEIN, H.K., eds. Exercise testing and exercise training in coronary heart disease. New York, Academic Press, 1973, p.129-167.



10. HETINGER, T. Isometrisches muskelkraft training. Thieme Verlag. Studgard, 1968.
11. MELLEROWICZ, H. & MELLER, W. Bases fisiológicas do treinamento físico. São Paulo, EPU, 1979.
12. MOREHOUSE, L.E. & MILLER JR. Fisiologia del ejercicio. 3.ed. Buenos Aires, Ateneu, 1974.
13. VANDER, A.J. & col. Fisiologia humana: os mecanismos da função de Órgãos e sistemas. São Paulo, McGraw-Hill, 1981.
14. OTAÑEZ, J.D. Manual de Entrenamiento. Córdoba, Jado, 1982.
15. PAVLOV, I.P. Conditioned reflexes. Oxford, Oxford univ.Press, 1927.
16. REINDELL, H. Das Intervalltraining. Barth Verlag, Munchen, 1962.
17. SELYE, H. Tensão da vida. São Paulo, Ibrasa, 1965.
18. TUBINO, M.J.G. Metodologia Científica do Treinamento Desportivo. São Paulo, Ibrasa, 1979.

## MUDAMOS! AGORA SOMOS APEF/RS

Em atenção ao que foi estabelecido no 10º Encontro Nacional de Professores de Educação Física, nossa entidade passou a denominar-se ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO RIO GRANDE DO SUL - APEF/RS. Esta mudança visou a unificação nacional das Associações de Professores de Educação Física através da Federação das Associações de Professores de Educação Física - FBAPEF.

Nossa entidade, fundada em 20/12/1945, teve seus Estatutos alterados, e aprovados, em Assembléia Geral extraordinária dia 23/6/84. Na mesma data foi efetuada a eleição da nova Diretoria com mandato até a 2ª quinzena de 1986 e ficou assim constituída:

- Presidente - Prof. Paulo Egon Wiederkehr
- 1º Vice-Presidente - Prof. Airton da Silva Negrine
- 2º Vice-Presidente - Prof. Julio Tadeu Soster
- 3º Vice-Presidente - Profª Neli Santos Rocha
- 4º Vice-Presidente - Profª Ilse Keitel
- Secretária Geral - Profª Denise Reis Westphal
- 1ª Secretária - Profª Martha Oliva Matte
- 2º Secretário - Prof. Marco Antonio Montiel Pereira
- Tesoureiro Geral - Prof. Adilson Bertei La Rosa
- 1º Tesoureiro - Prof. Marino Felicidade Nunes
- 2ª Tesoureira - Profª Iolanda Rosa Oliveira

Os estatutos estão à disposição dos interessados na sede da Associação.

A ESCOLA; A REALIDADE E O PROFESSOR NA EDUCAÇÃO FÍSICA  
Uma reflexão crítica

*Prof. L. M. Pinheiro Neto*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo propiciar uma reflexão crítica sobre a Escola e a realidade, tomando como ponto de referência o Professor de Educação Física.

É consenso entre todos nós que a ESCOLA BRASILEIRA precisa sofrer urgentes e significativas transformações. Que se a escola distancia-se cada vez mais da comunidade e, por conseguinte da realidade circundante.

Todos sentimos e até participamos do esforço empreendido pelos educadores e educandos brasileiros no sentido de conquistar espaços para uma discussão ampla e democrática sobre o papel que deve desempenhar a escola hodiernamente.

Todos acompanhamos o trabalho que vem sendo realizado por professores de Educação Física - através de Congressos, Seminários, Encontros, etc - no sentido de discutir problemas ligados a sua atuação profissional e social.

Todos acompanhamos através dos veículos de comunicação o que está acontecendo em nosso país: os inúmeros problemas de ordem econômico-financeira, os problemas educacionais, habitacionais, de saúde e também o problema relacionado às eleições diretas em todos os níveis.

Cientes estamos de tudo isso, é claro. Porém, o que fazemos de concreto para mudar?

Afinal, a escola que aí está, castrativa e cerceadora é o que nos interessa? Que papéis deve ela representar hoje em nossa sociedade? Ela é ou pode vir a ser democraticamente autônoma? Ela espera o aluno para conviver com a realidade? Ela forma realmente ou é apenas um engodo? E o professor de Educação Física? Onde está nesse processo? Onde também estão os profissionais formadores dos professores de Educação Física?

Inúmeros são os questionamentos e não temos a pretensão de esgotá-los. Pretendemos sim pensar em voz alta junto com vocês hoje. Refletir, se preferirem. E isto, deixando aberto o tema

para novas e, quem sabe, bem mais profundas investidas por parte de vocês mesmos e de todos aqueles a quem um desses três tópicos, em conjunto ou isoladamente, preocupe.

## 2. A ESCOLA COMO INSTITUIÇÃO

Uma instituição é, de maneira geral, uma coisa instituída, estabelecida, com um determinado caráter, que pode ser educacional, social, religioso, filantrópico, etc.

Como, entretanto, estamos tratando de uma instituição da característica da Escola, cabe-nos um tratamento mais específico ao termo, a fim de que possamos compreender seu relacionamento com a realidade circundante.

Sociologicamente, instituição é uma estrutura decorrente de necessidades sociais básicas, de relativa permanência, e identificável pelo valor de seus códigos de conduta, alguns deles, inclusive, expressos em leis (HOLANDA, 1975).

Em nosso país, temos encarado até hoje a Escola como uma instituição inocente, acima do bem e do mal, portadora da função uniforme e harmônica - de elevar espiritual e socialmente o povo que a frequenta, imune a interesses de grupos ou de classes sociais. (Rodrigues, 1982)

Para que possamos pensar em problemas que afligem essa instituição, é indispensável que nós, os educadores, e a sociedade como um todo, deixemos de nos posicionarmos com tal ingenuidade.

A Escola é uma instituição como qualquer outra existente em nossa sociedade, e na medida em que sua tarefa se cruza numa dimensão intelectual também pelos campos da ação política, neste momento entendida como a materialização mental dos interesses dos diversos grupos que exercem o poder. (Rodrigues, 1982)

Assim a Escola, como instituição, geralmente confirma e assegura a estrutura social.

E, numa sociedade tecnológica/industrial, podemos dizer que ela está retomando o sentido grego de Scholae - lugar de ócio dirigido onde as pessoas vão para passar o tempo segundo padrões que foram estipulados por aqueles que manipulam o poder político. (Garcia, 1979)

Temos todos consciência de que a Escola precisa sofrer sérias e significativas modificações. Há uma crítica unânime, inclusive. Entretanto, já é hora de ultrapassar o momento da crítica e passarmos com urgência à elaboração de uma proposta que responda de maneira clara, objetiva e concreta a essa questão. Sabe-se que é através da elaboração da crítica e, a partir dela, uma proposta alternativa que possa ser analisada e implementada com base na realidade brasileira, deixando de lado preocupações com "estrangeirismos" e "novismos", é que se conseguirá atingir tal modificação. Enfim, é necessário que comecemos a pensar a Escola por dentro. (Rodrigues, 1982)

É necessário que as pessoas que fazem acontecer a educação, os professores, os pais, os especialistas, os alunos, os diretores e os funcionários, em conjunto com outros segmentos de comunidade, entendam que qualquer solução para a educação deve partir da Escola e que eles são a Escola. Assim, ela se transforma de ponto de chegada em ponto de partida de um processo democrático, deixando de ser o cenário e passando a ocupar sua verdadeira condição de agente, sujeito do processo.

A Escola oferece pouquíssimas oportunidades de crescimento e desenvolvimento. Parece estar esquecida que a modificação da conduta é uma tarefa de aprendizado geralmente lento que envolve compreensão, acompanhamento, paciência e persistência, pois implica no desenvolvimento de níveis de consciência.

Para a Escola é difícil ser tolerante quando a obediência e a submissão constituem Super-valores. A Escola exige que o aluno se submeta às suas regras ou "acerta as contas com ele". Autodisciplina na transforma-se em conformismo às determinações. daqueles que se consideram os "mandarins" da educação. (Gastal dello, 1983)

Diante desse quadro, há que se repensar a Escola como um todo, antes que seja tarde demais. Antes que todos os alunos (grande parte já age assim), embora fisicamente presentes, abandonem psicologicamente o processo educativo.

A Escola precisa pensar muito mais seriamente naqueles valores que estão sendo deixados de lado. Pensar na individualidade de cada aluno; na necessidade de criar um ambiente de democracia e liberdade que proporcione a auto descoberta, a auto confiança e a auto disciplina; no tratamento sincero e liberto

do mascaramento (postura que bem demonstra a ignorância de gran de maioria dos nossos "educadores"); na necessidade de encarar a questão currículo como toda a Escola (disciplinas, professores, funcionários, alunos, prédios, pátio, paredes, banheiros, conteúdos programáticos, etc) viva em processo dinâmico; da necessidade de criar um vínculo constante e profundo entre a vida e a experiência escolar; etc. etc.

A Escola precisa assumir seu papel de agente modificador da própria realidade porém, antes de qualquer coisa, deve se auto modificar. Repensar sua estrutura interna, tornando-se (depois da família) o grande agente de formação democrática, através da prática da própria democracia, o que só ocorre a partir do momento em que alunos, professores, funcionários e comunidade conquistam o direito de eleger seus próprios dirigentes.

Ao falarmos em Escola e em democracia, não podemos deixar de pensar na preocupação que se deve ter quanto aos caminhos escolhidos para se viver realmente um processo democrático em qualquer unidade escolar.

Não se pode mais admitir discursos ociosos, sem uma verdadeira preocupação vivencial com a praxis democrática, por parte de educadores, dirigentes de escolas e autoridades educacionais. Temos consciência de que só se pode educar para a democracia, pela democracia, isto é, se queremos realmente que nossos alunos venham a assumir uma postura democrática como cidadãos, devemos mostrar, como educadores, que em nossas ações diárias - dentro ou fora da classe, dentro ou fora da escola - em nossas idéias, enfim, em nosso discurso e em nossa ação pedagógica-existe efetivamente uma preocupação e um comprometimento para com a democracia. As atitudes cerceadoras e castrativas, o ranço autoritário devem dar lugar a um efetivo diálogo, a uma convivência clara, desmascarada, sincera, uma convivência que demonstre a todo o momento uma preocupação maior com o processo de formação de nosso povo.

### 3. A ESCOLA ENQUANTO AGENTE FORMADOR DE PROFESSORES

Uma das grandes preocupações de há muito tempo em diversos países e recentemente em nosso país é a FORMAÇÃO DE PROFESSORES. O problema primordial de todo o sistema educativo deve ser o da formação de seus mestres.

Entretanto, o que vemos ainda em termos de Brasil, com raras e belas exceções, é que as agências formadoras de professores, no caso específico de Educação Física parecem não estar preocupados nem um pouco com o perfil desses profissionais que já jogou, está jogando e jogará, ainda por muito tempo, no mercado de trabalho.

Segundo Schwartz, o que se espera dos professores, em primeiro lugar, depende das tarefas da Escola. E quais seriam essas tarefas? Tentemos sintetizá-las brevemente: A ESCOLA DEVE FORMAR NO NÍVEL DO SABER, DO SABER-FAZER, DO SABER-SER, DO SABER-TORNAR-SE. O Saber e o Saber-fazer são inseparáveis: todo o saber deve levar ao Saber-fazer, e somente este permite a autonomia. No que se refere ao Saber-ser e ao Saber-tornar-se, a Escola deve permitir que os dons dos alunos possam se revelar e que suas potencialidades possam se desenvolver. A Escola deve fixar-se no que cada aluno tem de particular, recusando terminantemente que "aptidões" ou inaptidões pretendidas condicionem seu futuro escolar. Deve ajudar o aluno a ser aquilo que ele é e não aquilo que ela quer que ele seja.

Por vivermos em uma sociedade capitalista e conservadora, ainda hoje a Escola, enquanto agente formador dos professores de Educação Física guarda todo o ranço de sua origem militar.

A legislação existente ainda desvincula a Educação Física do processo educacional propriamente dito, fazendo com que profissionais ingênuos e despreperados para exercer o legítimo papel educativo continuem a repetir e a cultivar erroneamente a prática desportiva de forma inadequada, sem levar em conta as características que ele deve assumir para servir como verdadeiro instrumento pedagógico voltado ao desenvolvimento global do aluno.

Assim, o que vemos hoje como produto final após três ou quatro anos de curso superior?

A cada semestre, uma fila de quarenta ou cinquenta diplomados a mais cuja única preocupação é arrumar um emprego de professor. E de preferência nos centros urbanos, onde as facilidades são maiores, mas onde a saturação de mercado também já aconteceu há muito tempo.

A dominação que mina a sociedade, invadiu e deteriorou a

Escola, e hoje ela está longe de ser uma fonte de desenvolvimento humano, pois quando não mutila, atrofia o potencial das pessoas que compulsoriamente por ela passam. (Gastaldello, 1983)

Tendo recebido na Escola seu passaporte para a mediocridade, não apenas pelo tratamento indiferenciado que também recebeu, o novo professor, e futuro formador de professores continuará a perpetuar o culto à obediência cega, ao castigo e à diplomação.

Enquanto, no entanto, a Escola formadora de professores de Educação Física no Brasil, prossegue em sua caminhada conservadora e formalista, preocupada com o currículo enquanto tal, com o estímulo à competição pela competição, etc., paralelamente, e de maneira não formal, um fato novo surge no cenário: a prática de esporte, de jogos e de brincadeiras que utiliza a rua, a praça, a praia, as estradas e os campos nas suas oportunidades de lazer. Estou falando do Esporte para Todos.

É, sem dúvida alguma o EPT um novo horizonte que se abre para o egresso das Escolas de Educação Física, em termos não apenas de mercado de trabalho, mas e principalmente em termos de realização pessoal como educador.

A par disso, entretanto, o formalismo e o ranço histórico da Escola como instituição não têm permitido ainda uma reflexão mais profunda a respeito.

Percebe-se no ar que tanto os professores de Educação Física, técnicos, praticantes ou mesmo os burocratas da área estão sentindo que este é um momento de transição. Como tal, portanto, encontramos os que acreditam, que apostam, os que apenas criticam e os que empularam-se sobre os muros esperando o resultado final para então posicionarem-se.

Ora, se há uma constatação geral de que a Escola, enquanto instituição precisa mudar; se grande parte dos professores de Educação Física está insatisfeita com o nível qualitativo do ensino e com a Escola enquanto formadora de futuros professores; se desde março de 83 os países membros da UNESCO elegeram a Educação Física escolar e o Esporte Para Todos, numa simultânea perspectiva educacional e, social, como as suas prioridades até o ano 2.000, então o que estamos esperando?

#### 4. A ESCOLA ENQUANTO LOCAL DE TRABALHO DO PROFESSOR

A exemplo de todos os outros profissionais da área do magistério, também o egresso de um curso superior de Educação Fica esquece todas as bandeiras idealistas e às vezes utópicas, quando consegue - seja por concurso público, seja por qualquer janela - uma Escola para exercer sua função.

Em alguns casos, a euforia trazida do início dá lugar, logo a seguir, ao comodismo, principalmente se a Escola é carente de recursos. Daí eleger como prioridade uma estabilidade funcional e o descompromisso com qualquer coisa que exija um pouquinho de esforço.

Afinal, como é vista hoje a Escola pelos professores, tomando-a como local de trabalho? Como um escritório ou um balcão de venda? Como um bico, um local onde não se tem muito compromisso e de onde se tira alguns cruzeiros fixos e garantidos ao final de cada mês?

Estamos às portas do século XXI. A tecnologia e a sociedade se modificam, buscam caminhos e alternativas dos mais variados. No entanto, a Escola continua a mesma: medieval, distanciando-se cada vez mais do diálogo, da participação, da prática da convivência democrática.

O professor, portanto, encara a Escola exatamente como um local de trabalho. Um local onde ele, quando muito exercita sua experiência profissional. Onde ele exercita a prática do poder porque detém o saber institucionalizado.

Embora esteja fazendo parte desse jogo, o professor considera como essencial mudar. Entretanto, tem medo da mudança.

Quando existe uma comunidade tão complexa e significativa em convivência, como uma Escola, é óbvio que não é interessante em nenhum momento que o marasmo, a falta de interesse pelos problemas que a afligem seja a tônica do dia-a-dia. O simples fato de que, convivendo, a comunidade que compõe essa escola - alunos, professores e funcionários - está a todo o instante em processo de interação social, contribui para reforçar a justificativa aos anseios e às expectativas de participação, de envolvimento, não apenas em pequenas tarefas mas, e principalmente, nas decisões sobre os rumos, as mudanças, a vida da escola, enfim.



As pessoas, portanto, que compõem essa pequena mas significativa comunidade precisam participar ativa e integralmente de todas as ações e decisões que digam respeito à escola e, por conseguinte, a elas próprias. Precisam estar cientes, discutir, opinar e, principalmente decidir sobre tudo aquilo que disser respeito a eles. E o professor sabe que seu papel é de suma importância no processo. Muitos sabem, inclusive, que o papel é tão importante quanto o papel dos alunos, dos funcionários, dos pais, enfim, da comunidade como um todo.

E aqui convém ressaltar o papel do professor de Educação Física mais uma vez.

Pela natureza de suas funções; por trabalhar com o aluno num ambiente livre das quatro paredes, das carteiras e do quadro negro; pelo fato de o conteúdo que trabalha ser algo identificado com extrema simpatia pelo alunado; pela atuação que pode desenvolver, o professor de Educação Física reúne todas as condições para ser o elo de ligação no processo da interdisciplinaridade em qualquer Escola. Tem possibilidade de ser um verdadeiro animador social, alguém capaz de interagir de maneira incisiva no contexto social (Pinheiro Neto, 1983). Alguém capaz de liderar o próprio repensar de seu papel e dos demais colegas em sua Escola. Alguém capaz de iniciar o processo de reestruturação interna de sua Escola.

Esse trabalho de verdadeira característica comunitária por si só, define o que pode ser a Escola para o Professor.

Tomemos um exemplo prático para tanto: Se por acaso o órgão a que a Escola estiver subordinada decidir, por exemplo, demolir a única quadra esportiva, da Escola, cujo estado de conservação não é dos melhores para construir no seu lugar um ginásio coberto - o que sem dúvida, a primeira vista é um benefício significativo para a comunidade - mesmo assim, não podem as mãquias e patrôlas irem simplesmente entrando no espaço vivenciado pelos integrantes daquela Escola e irem derrudando tudo.

Há que ter existido antes uma discussão sobre o problema. Toda a comunidade deve estar ciente do benefício (?). A discussão e a aprovação final pela comunidade é o que de mais importante e sagrado pode existir. E o papel do professor - um papel inclusive político - em relação direta com a Escola, não apenas como seu local de trabalho, mas como um local de convivência

(VIVÊNCIA-COM) aparece aí, nitidamente. Isso solidificará não apenas o amadurecimento da comunidade e o respeito que a ela deve ser dado, mas e, principalmente, solidificará a integração existente entre todos os seus membros. Afinal, todos os integrantes dessa pequena comunidade passam (ou pelo menos (deveriam) uma boa parte de suas vidas juntos, todos com um único objetivo maior, que é a formação dos cidadãos de daqui-a-pouco e a constante aprendizagem.

É inadmissível pensar que alguém que viva sua Escola efetivamente, que a ame, que faça dela não apenas um bico, mas alguma coisa bem mais importante em sua estrutura de vida, possa ser contrário a uma efetiva e integral democratização dessa Entidade.

Uma democratização calcada não apenas na participação do que toca o planejamento e execução de atividades previamente ordenadas em um nível de decisão alheio à comunidade que vivencia a realidade da escola, mas uma democratização que tenha como veículo a participação que permita o "decidir junto", que torne todos os membros da comunidade e cada um especificamente sócio do poder.

Ao participar ativamente de sua Escola, o professor - assim como o aluno, o funcionário, o pai, enfim toda a comunidade deixará de ser um mero executante (Pinheiro Neto, 1983) para tornar-se um membro integrante de uma comunidade democrática.

São assim, tornando-se sócio do poder é que também terá a oportunidade de escolher livre e conscientemente seus dirigentes. De escolhê-los através de eleições democráticas, diretas, através de um processo aberto, sincero, franco, que permita a toda a comunidade escolar vivenciar e aprimorar o exercício do voto. Afinal, será que à Escola - como entidade formadora dos futuros cidadãos - não cabe a tarefa maior de preparar os alunos para a democracia pela democracia?

## 5. CONCLUSÕES

Refletindo sobre tudo o que vimos até aqui, podemos concluir que a relação existente entre a Escola, a realidade e o professor, mais especificamente o de Educação Física é insipiente. E por que?

Dentre as inúmeras respostas, optamos por algumas que nos parecem mais contundentes:

- a Escola está dissociada da realidade;
- o professor é um estranho no contexto da Escola;
- a escola enquanto agente formador de professores é deficitária;
- a escola reflete os interesses da estrutura de poder vigente;
- a escola é encarada pelo professor como apenas um local de trabalho;
- o professor de Educação Física, assim como os demais, ainda não assumiram uma postura de verdadeiro educador.
- a Escola enquanto não mudar sua estrutura interna continuará deformando.

A esta altura, só nos resta perguntar, O QUE FAZER, ENTÃO?

Também sem a pretensão de querer esgotar o assunto, mas com o propósito único de iniciar/reatar uma reflexão maior sobre o problema apresentamos a seguir, ao nosso ver, com que finalidades

#### A ESCOLA DEVE SER REPENSADA:

- estimular atitudes criadoras;
- possibilitar a recreação incessante através do conhecimento geral, do conhecimento tecnológico e do "fazer";
- ser flexível curricularmente (considerando como currículo a Escola viva);
- ser democrática, isto é, educar para a democracia através de uma ação democrática;
- preparar com base na realidade;
- esclarecer para a vida;
- exercitar a tarefa educacional de forma que todos ensinem e todos aprendam;
- aproveitar a tecnologia da comunidade;
- ser uma escola aberta;
- estar voltada para os interesses da comunidade e não da estrutura social.

A par de toda a nossa realidade, será possível a uma criança, a um jovem, amar uma Escola que o trata com indiferença, que quer despojar-se dele quando ele a faz questionar-se sobre seu

sentido, sobre sua função? Será possível dialogar com "educadores" que usem uma linguagem impessoal para manter no anonimato os jogos do poder que tão bem cultivam e com maestria escamoteiam, usando o gasto e cansado invólucro do humanismo? (Gastaldello, 1983)

## 6. BIBLIOGRAFIA

FREIRE, Paulo. Educação como prática da Liberdade. 11 ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

GASTELDELLO, Maria Eugênia Turra. Escola: Falência ou Transformação. Revista de Educação da AEC. Brasília, 48 : 5-9, 1983.

GRAMSCI, Antonio. Os Intelectuais e a Organização da Cultura. São Paulo. Círculo do Livro, 1982.

LIMA, Lauro de Oliveira. Escola do Futuro. 2a. ed., Petrópolis, Vozes, 1979.

MOSQUERA, Juan J. M. O Professor como Pessoa. Porto Alegre, Sulina, 1978.

NEGRINE, Airton. Ensinando Educação Física. Porto Alegre, Globo, 1983.

NIDELCOFF, Maria Teresa. Uma Escola para o Povo. 8a. ed., São Paulo, Brasiliense, 1980.

RODRIGUES, Neidson. A função política e social da Escola, nov. 1982.

PARQUE DE LAZER E DE ESPORTE PARA TODOS. MEC/SEED, BRASÍLIA, 1983.

A EDUCAÇÃO FÍSICA NA PROMOÇÃO DA CONSCIÊNCIA SOCIAL  
Reflexões sobre a liberdade na Educação

*Profa. Lenea Gaelzer*  
*Titular de Recreação, UFRGS*

1. INTRODUÇÃO

Pressupostos Culturais e a Educação para a liberdade

No passado, à medida que evoluíam os estágios sociais, as mudanças eram lentas e o homem se adaptava inconscientemente, organicamente. Trabalhava na terra e, para sobreviver com os meios que dela poderia usufruir, buscava conhecê-la, descobri-la de maneira a não distinguir o tempo senão pelo sol que lhe indicava o dia e a noite e os ciclos da lua que lhe davam idéia dos meses e dos anos. A vida natural do homem era sua escola. Ele brancava enquanto trabalhava e trabalhava como satisfação de suas necessidades.

As origens da Cultura, têm sido atribuídas ao fato do homem primitivo ter desenvolvido e manifestado a sua criatividade espontaneamente. A dor e o prazer na existência humana oportunizaram as demonstrações espirituais e lúdicas quando, através da dança e do canto, os grupos sociais se afirmaram em pequenas células comunitárias na aldeia ancestral. Dando asas à sua imaginação e expressando-se no barro, na coloração de pigmentos, na madeira, na pedra e em outros recursos naturais, o homem pouco a pouco dominou o meio ambiente, decorrendo desse processo os primeiros progressos no sentido da tecnologia.

Hoje os estudiosos da área social reconhecem que aquelas manifestações humanas que seguiram sendo desenvolvidas, com características diversificadas, por diferentes povos, são expressões da cultura popular, a nível regional, em todos os países e continentes. Esta cultura entretanto, despercebida por muitos e protegida por poucos, parece tender ao desaparecimento, tendo em vista o desenvolvimento tecnológico que fez florescer a cultura de massa.

CULTURA DE MASSA, quer se definir, como o conjunto de valores, positivos ou negativos, que é oferecido pelos meios de comunicação e que, de maneira geral, estabelece modelos de vida à população, influenciando nas suas formas de pensar e de agir. De maneira espetacular e estimuladora ela estabelece padrões de comportamento dirigidos para os fins de quem tem o controle dos meios de comunicação.

Segundo N. Pithan Silva (1971) "ensina-se e aprende-se o trabalho. A este se cataloga como atividade nobre, indispensável, biológica". Aliás, não se pode dizer o contrário, talvez esta idéia de nobreza tenha surgido com a Revolução Tecnológica que dividiu as tarefas diárias do homem e lhe provocou a necessidade de optar entre as obrigações de sobrevivência e a adisponibilidade de si mesmo. No primeiro caso o trabalho ou o consumo remunerado do tempo, no segundo o tempo livre.

Na corrida da aquisição econômica e, dos valores materiais, a CULTURA DE MASSA tem acentuado sobremaneira a sua função de transmissão de padrões, no sentido de uma Sociedade competitiva em detrimento de outros padrões de ordem social relacionados a uma aceitável convivência entre os homens. Assim sendo, enquanto o espírito de tolerância, a compreensão, a responsabilidade e a cooperação decrescem, dificultando as relações entre as classes sociais, a violência nos grandes centros gera um estado de apreensão e de insegurança para a qual nem a iniciativa particular nem o Estado têm encontrado solução.

Não se quer com essas afirmações menosprezar os valores culturais dos meios de comunicação que, na verdade, possuem hoje uma influência maior e mais completa que a própria escola.

Está se querendo despertar para as possíveis conseqüências sofridas pelo homem, em uma sociedade, na qual os indivíduos são atirados uns contra os outros ao buscarem o seu espaço existencial e humano.

Comparando aquela sociedade primitiva com a sociedade atual, se pode inferir que a "escola-natureza" foi substituída pela "escola-máquina".

Hoje a tecnologia cibernética avança a passos de gigante e as conseqüências não são meramente materiais, invadem o espírito, a psicologia, a política e quase todos os aspectos da vida.

O homem tem sido preterido pela sociedade em benefício da máquina e da técnica: A sabedoria desaparece. O processo de raciocínio automatiza-se e a profunda meditação é substituída pela corrida de aquisição de maior poder material do homem na "competição social". Nesta situação ele se vê como "jogador solitário", julgado pelos padrões culturais a que está exposto e necessariamente deve se adaptar a eles.

Neste sentido ELGOZY (1976) faz lembrar que, enquanto não forem modificadas as relações das pessoas entre si, não se pode pretender que o progresso material contrinua, de maneira decisiva, para a felicidade da humanidade. No afã de dominar as coisas, o homem reverencia mais a ciência do que o seu próximo. Para o autor há necessidade de humanizar o próprio homem. Obstinado em aperfeiçoar as coisas, o ser humano está negligenciando o aperfeiçoamento de si mesmo. O fanatismo da automação chega a sacrificar o indivíduo e a natureza.

Como poderá o homem encontrar um equilíbrio de adaptação ao mundo de hoje, pressionado pelas injunções sociais e tentando ser "ele mesmo"?

No dizer de Fromm (1969), a passividade do homem na sociedade industrial é hoje um dos traços mais característicos e patológicos. Sendo passivo, ele não se relaciona ativamente com o mundo e é forçado a submeter-se aos seus ídolos e às suas exigências. Por conseguinte, sente-se indefeso, solitário e ansioso. Tem pouco senso de integridade ou de identidade própria. Passa seu tempo fazendo coisas nas quais não está interessado, produzindo coisas nas quais não está interessado; quando não está produzindo, está consumindo.

Por contraste, é evidente e alarmante a maneira como se amplia a degradação dos valores espirituais e se generaliza, pelo mundo todo, a violência. Segundo FROMM (1969) ela é resultado do desespero e do vazio psíquicos e espirituais e do ódio resultante contra a vida.

Onde o homem vai encontrar o verdadeiro equilíbrio de suas necessidades básicas de:

- a) expressão?
- b) aventura?
- c) participação de grupo?
- d) movimento?
- e) afirmação?
- f) conservação?

Quando deve ser iniciado este processo?

Qual será a melhor forma de conseguí-lo?

Aprende-se aquilo que no fundo do coração se sente e se a

ceita. Cada um tem no seu próprio viver e em si mesmo as soluções para os seus problemas.

Por outro lado, existe ainda o fenômeno da CULTURA ERUDITA cuja informação e formação são transmitidos pelo ensino formal em instituições de primeiro, segundo e terceiro graus. Essa Cultura, surgida com o aparecimento da Sociedade Industrial, que delegou à escola a função de formar e informar, por sua vez tem sido predominada por um sistema doutrinador que de forma dogmática tem como objetivo maior a exaltação dos valores imediatistas e efêmeros que se esvaziam de conteúdo e se alteram periodicamente nas etapas dinâmicas de um mundo em mudança. Assim sendo, não há tempo para reflexão, para o questionamento e para a análise dos problemas sociais para os quais o homem deve ser preparado. Os princípios devem ser aceitos como verdadeiros e não se estabelece a discussão do que é afirmado. Entretanto, para se descobrir a verdade com a ciência ou fora dela, o questionamento é o primeiro passo para a investigação. A criatividade na ciência está diretamente relacionada à liberdade do ser humano de criar. Se essas afirmações são aceitáveis, se poderia deduzir que a educação dogmática e impositiva é a própria morte da ciência.

Ainda há bem pouco tempo as soluções dos problemas sociais de cada país eram tomadas considerando o seu modelo político e as conseqüências que traziam ao seu povo.

Hoje a interdependência das decisões políticas, a nível internacional é tão acentuada que uma posição tomada por um país provoca o aparecimento de problemas para outros, interferindo em qualquer planejamento previsto.

A nível nacional os problemas sociais se encontram também entrelaçados. Não se pode exigir a tomada de decisão de forma particular a respeito de uma determinada área, sem esperar as conseqüências ocasionadas em outras áreas. A tentativa governamental de prevenir, minimizar ou solucionar um problema que afeta a qualidade de vida da população, cria muitas vezes outros de maior amplitude em uma sucessão desencadeada que desacredita a autoridade constituída.

Não se sabe na verdade o que o futuro reserva à humanidade, e isso, decididamente interfere no destino que se quer dar à educação.



Com esses antecedentes se poderia questionar:

1. Quanto a chamada Cultura Erudita tem respeitado a espon  
taneidade individual?

2. Quanto a força de influência da Cultura de Massa é maior  
que a da Cultura Erudita e da Cultura Regional?

3. Quando haverá reconhecimento público da necessidade des-  
sas três culturas servirem uma a outra?

4. Quanto estarão as instituições de ensino sensíveis para  
esses fatos?

5. Se a CULTURA REGIONAL é a expressão espontânea do ho-  
mem, não estará ela sendo estrangulada pelos meios de comunica-  
ção e ou pelos sistemas dogmáticos de educação?

Segundo TOFFLER (1977, p.31), toda a educação emana de al-  
guma imagem do futuro. Se a imagem do futuro aceita por uma so-  
ciedade for de modo geral inexata, o seu sistema educacional a-  
traicoará os jovens. É dessa imagem que flui a educação. Nenhuma  
instituição educativa pode hoje fixar metas sensatas ou rea-  
lizar trabalho eficaz enquanto seus membros não submeterem suas  
idéias a respeito do "amanhã" a uma análise crítica. Segundo o  
autor, os estudantes recebem "hoje vasta quantidade de informa-  
ções confusas e falsas pelos meios de comunicação e, como resul-  
tado, ficam sabendo da rapidez com que o mundo está mudando; di-  
ante disso se poderia perguntar:

- Qual a noção que os estudantes possuem a respeito das im-  
plicações dessas mudanças sobre suas vidas?

- Quantos serão os indivíduos, na sociedade contemporânea,  
capacitados a modificar seu estilo de vida diante das circuns-  
tâncias da vida atual?

- Quanto estarão os professores preocupados com as rela-  
ções do ensino que é ministrado nas escolas e a qualidade de vi-  
da do amanhã?

## 2. O PROCESSO SOCIAL E A LIBERDADE NA EDUCAÇÃO

No decorrer do processo histórico de cada sociedade mani-  
festam-se diferentes períodos, nos quais o homem vivencia maior  
ou menor liberdade no seu viver diário. A cultura e a educação,  
como partes daquele processo e integradas ao sistema vigente no

país, acompanham a escala de valores proposta pela família e pela escola estabelecendo padrões de comportamento nos indivíduos que compõem a sociedade.

As características dos modelos de vida de cada período evidenciam a escala de valores defendidos em cada geração e, por sua vez, estabelecem modelos de comportamento do ser humano junto aos seus semelhantes.

Toda decisão individual leva a uma projeção social; os critérios de decisão, no viver de cada povo, estabelecem as características próprias de sua cultura, ao mesmo tempo que sofrem as influências externas dos padrões predominantes. Em outras palavras, o homem faz a sua cultura e é moldado por ela.

A sociedade, em toda sua complexidade de análise, é o reflexo do que o homem pensa, daquilo em que ele acredita e de como ele age frente aos outros. Nesta perspectiva, a educação é responsável pelo processo social. Na maneira de ser, de viver, de colaborar, de reagir frente aos demais, o ser humano participa do processo histórico da sociedade, na medida em que as suas decisões influenciam no social e são influenciadas pelo contexto que o cerca. Assim sendo, uma sociedade será bárbara se o homem for espiritualmente primitivo, e será harmoniosa se o homem respeitar seu semelhante e o ambiente social for o reflexo do amor compartilhado.

Uma personalidade primitiva, que ainda não alcançou o estágio de uma consciência social elevada, vive em uma escala de valores individualistas na qual estão presentes o egoísmo, a cobiça, a esperteza, o materialismo e as formas instintivas de viver; este comportamento deixa de ser caracterizado como humano para ser animalesco e, na verdade, há manifestações individuais de personalidade primitiva cuja perversidade não se faz presente nem nas espécies animais.

Segundo ALDER (1977), o objetivo da educação, tem sido o de produzir um indivíduo que venha a ser uma vantagem para um Estado soberano. Ele deve ser criado, de tal maneira que possa ser comandado, para obedecer sem questionar, somente a vontade do seu país. Para o autor, a vida não tem produzido, em parte alguma, as circunstâncias necessárias para o pensamento individual e um por cento do povo, no máximo, alguma vez concebe um pensamento original.

Em sua primeira fase da vida o indivíduo é formado em meio a uma tradição e pela atitude de uma família, na qual os seus parentes fizeram dele uma réplica de si mesmo, tanto quanto puderam.

A seguir ele passa a receber uma educação escolar ortodoxa, que lhe tem ensinado uma história tendenciosa, na qual é alimentado um patriotismo cego, embebido na crença do separatismo; este separatismo considera todos os outros povos, "estrangeiros", pessoas intrinsecamente diferentes dele próprio e dessa forma a atitude do separatismo é constantemente reforçada.

Desde cedo ensina-se que o indivíduo adote uma série de fidelidades: para com a família; para com a religião; para com a escola que frequenta; para com o regime que lhe é apresentado no país onde vive; para com a instituição que o emprega; para com o clube que frequenta e, ainda, para com o partido político com o qual ele deve assumir posição.

O que representam essas lealdades? São rotinas planejadas e estruturadas, mesmo inconscientemente, por aquelas pessoas que desjam obter e manter um domínio sobre o indivíduo, seja por seu voto, por seu trabalho ou por seu dinheiro.

Na sociedade atual tudo concorre para que o homem seja educado numa atmosfera de medo, de apreensão e de prevenção. Este temor quase sempre persiste por toda a sua existência e esta herança de desconfiança é devido, em grande parte, ao crime do separatismo entre as nações, entre as classes sociais, entre as religiões, projetando uma influência também entre os seus semelhantes, em uma competição, cheia de rivalidade, que produz uma partilha desigual da terra, dos bens e das oportunidades em sociedade.

Nessa perspectiva, segundo ALDER (1977), o homem cresce na escravidão de um círculo vicioso e a sua educação o impede de ser capaz de pensar de uma maneira clara, criativa e construtiva.

Primeiro, ele foi ensinado a considerar-se como um membro de sua família e um lucro eventual para ela; depois como um ser social e mais um contribuinte para o seu país. Ele nunca foi apresentado a si mesmo, como um membro da humanidade, irmão que, com outros irmãos, acompanha temporariamente o ciclo vital da Natureza, dela se nutre e nela busca sobreviver.

Um sistema educacional sem liberdade, seja na escola como na família, gera a ambição, a revolta, a corrupção e a degradação dos valores éticos e morais.

A liberdade é a fonte e condição essencial para o desenvolvimento de uma consciência voltada aos valores morais; nesta direção a educação não pode deixar de apelar para a emoção.

Apesar de se desejar que a educação seja, conduzida por uma análise da liberdade tão sóbria quanto possível, o processo educativo necessariamente deverá envolver sentimentos expressos em termos de dignidade humana, numa tentativa que exclua a persuasão racional; do contrário, ele estaria impedindo a existência da educação libertadora que se prega.

A liberdade que se concebe neste estudo é aquela que deverá proporcionar o máximo de oportunidades para que os indivíduos aprendam sobre fatos que ainda se desconhece e utilizem este conhecimento na vida prática, em suas ações. A utilização do conhecimento disperso é que tornam possíveis realizações superiores às que uma mente isolada poderia prever. Se, se soubesse de que forma a liberdade seria usada, não se teria necessidade de justificá-la. "Não se conseguirá os benefícios da liberdade e nunca se alcançarão os avanços imprevisíveis que a mesma possibilita se ele não for concedida nos casos em que sua utilização parecer indesejável. Portanto, não se pode alegar como argumento contra a liberdade individual que os indivíduos frequentemente abusam dessa liberdade." (HAYEK, 1983)

Em uma sociedade em evolução, qualquer restrição à liberdade limita o número de experiências criativas possíveis, reduzindo assim o ritmo do progresso. O indivíduo torna-se incapaz de usar a sua própria inteligência e conhecimento, perde a confiança em si mesmo, despreza os seus objetivos e idéias, exceto em situação que lhe é imposta por outra pessoa.

A educação deverá permitir que o homem pense livremente e seja conforme deseja, em todas as suas decisões essenciais. Ela deverá fazer compreender que a mente pode governar a matéria e que a vontade pode governar ambas.

Segundo HAYEK (1983), a liberdade é essencial para que o imprevisível exista; para o autor, nós a desejamos porque aprendemos a esperar dela a oportunidade de realizar a maioria dos nossos objetivos. A preservação da civilização e o progresso

dependem de um máximo de oportunidades individuais para que as coisas possam acontecer e estas casualidades ocorrem, graças à combinação de conhecimentos e atitudes, aptidões e hábitos adquiridos pelos indivíduos lidando em grande parte, com probabilidades e acasos.

Infelizmente, diz HAYEK (1983), o progresso científico deu origem ao conceito vulgar, aceito por muitos cientistas, de que poderão haver controle de todas as atividades humanas de maneira deliberada; é por esta razão que as pessoas, intoxicadas pelo avanço do conhecimento, tantas vezes se tornam inimigas da liberdade. Quanto mais o homem sabe, mais se reduz a parcela de conhecimento que qualquer indivíduo consegue absorver. Quanto mais civilizada a sociedade, tanto mais o indivíduo desconhece os elementos que sustentam o funcionamento de sua civilização. A própria divisão do conhecimento aumenta a ignorância do indivíduo.

A importância da liberdade e do seu estudo na educação é justamente porque não se sabe de que maneira os indivíduos a usarão.

O mais importante, a se destacar, não é necessariamente a liberdade que se pode pessoalmente exercer; é muito mais relevante que alguém possa experimentar tudo, do que a possibilidade de se assistir a todos, fazendo as mesmas coisas. O importante não é o tipo de liberdade que individualmente se possa ter e se gostaria de exercer mas, o tipo de liberdade de que os indivíduos possam necessitar para beneficiar a sociedade. Os benefícios que se obtém com a liberdade dos outros tornam-se mais amplos, na medida em que cresce o número daqueles que podem exercer a liberdade; assim a tese que justifica a liberdade para alguns aplica-se também a liberdade para todos.

Entende-se por "coerção" o controle exercido sobre uma pessoa por outra em termos de ambiente ou de circunstâncias a ponto de, para evitar maiores danos, aquela ser forçada a agir para servir aos objetivos desta e não de acordo com um plano coerente que ela própria elaborou.

A coerção é maléfica porque anula no indivíduo a qualidade de pensar e avaliar, fazendo dele um mero instrumento dos fins de outrem. A livre ação deve basear-se em informações que não podem ser moldadas de maneira arbitrária por outrem.

É importante frisar que a liberdade não assegura qualquer oportunidade específica, mas deixa a critério de cada um a forma de usar as circunstâncias nas quais a pessoa se encontra.

Deve-se destacar que a liberdade não é meramente um valor específico, mas a fonte e condição essencial da maioria dos valores morais. Não é difícil de se compreender que em um Estado onde a liberdade é limitada a sociedade é desestruturada pela desintegração de seus valores morais.

A organização destinada a aumentar a liberdade e o conhecimento, só será eficiente, na medida em que o conhecimento e as convicções, nas quais seu plano se baseia, forem verdadeiros; por este motivo ela poderá ser benéfica e eficiente enquanto for voluntária e ocorrer em uma esfera livre.

Para HAYEK (1983), transformar toda a sociedade em uma única organização, criada e dirigida sob um único plano, equivaleria a extinguir as próprias forças que formaram as mentes humanas que a planejaram; as forças deliberadamente organizadas da sociedade poderão, segundo o autor, destruir as forças espontâneas que tornaram possível o progresso. Uma sociedade é livre, entre outras razões, porque as aspirações dos indivíduos não são limitadas.

É muito arriscado fazer previsões; só se está isento de todas as surpresas, quem levar em conta todas as probabilidades. Ninguém tem condições para prever que espécie de futuro se terá e isso provavelmente seja a grande dificuldade em que se encontra o planejamento da educação.

A sociedade é um organismo complexo que se desenvolve segundo as leis da mutabilidade. É possível se ter idéia das mudanças que poderão ocorrer num limitado tempo; elas impõem o ritmo do processo e estabelecem a sua tendência; mas, educação se faz de maneira que as suas influências sejam vivenciadas a longo prazo... Jamais se poderá garantir que o processo histórico seja corretamente previsível, com base na análise social e através da educação; isto porque é imprevisível o comportamento do homem diante das suas necessidades e interesses.

As circunstâncias se modificam, novos problemas se criam, os valores se alteram e os hábitos mudam de geração para geração. Conseqüentemente as idéias e as propostas às soluções dos

problemas sociais não podem ser as mesmas em épocas diferentes. As previsões em termos de sociedade devem estar dependentes, entre outras dimensões, da possível qualidade do comportamento humano que ocorre em uma sociedade.

Nestas circunstâncias, qual a qualidade de homem de que é possuidora esta sociedade? Do que dependerá a sociedade brasileira para que possa ser chamada desenvolvida? Quais os indicadores de uma sociedade desenvolvida? Possuir bons técnicos e ter suporte financeiro para sustentar a tecnologia? Que perfil profissional, em cada área cultural, deve ser preparado, tendo em vista aqueles indicadores?

Estas questões possivelmente sejam uma das formas de se iniciar um caminho para a educação do futuro. Com base na reflexão, no debate livre, na fermentação de idéias e na análise dos recursos pessoais, pode ser iniciado, ou continuado, um processo de desenvolvimento para o qual não se tem vislumbrado o final; de qualquer maneira a vivência deste processo renovador do homem estará contribuindo para a transformação social; ele deve partir do momento no qual o indivíduo se redescobre, avalia as suas possibilidades como agente de mudança e, reconhece as suas fraquezas mediante a liberdade que lhe é oferecida pela educação.

### 3. UMA EDUCAÇÃO PARA O CIDADÃO DO MUNDO

Segundo Bordenave, (1982) na década de 70, foi descoberto o "homem social" e se passou a conceder uma importância concreta ao fato do homem ser ao mesmo tempo o produto e o criador de sua sociedade e cultura; entretanto, existe uma defasagem entre a descoberta do homem social e o conhecimento de como orientar a vida social em função desse homem. Um conhecimento da comunicação pode contribuir para que muitas pessoas adotem uma posição mais crítica e exigente em relação ao que deveria ser a comunicação na sua sociedade.

É de se acreditar que a tecnologia da comunicação e os instrumentos que promovem a cultura de massa, chegaram a este país antes mesmo dele possuir uma identidade cultural e de ter descoberto a sua personalidade histórica. Quando a cultura de massa, com seu poder de persuasão maior que a cultura regional e a cultura erudita, projetou a consciência do universalismo, o país não havia ainda se situado em uma realidade cultural e definido

os rumos do seu nacionalismo. As conseqüências disto, frente ao impacto da comunicação de massa, resultaram na abolição das discussões e dos debates, porque o que é afirmado pelos meios de comunicação, é aceito como verdadeiro; a cultura erudita foi despresada como fonte de divulgação do saber e o povo perdeu, cada vez mais, a necessidade de defender e construir uma cultura autônoma passando a viver dos modelos importados de outras culturas, em uma alienação que embota o seu comportamento e extermina com a reflexão e com a autenticidade nacional.

Como a cultura de massa, sobrevive das verbas da publicidade, a "indústria cultural" apresenta-se marcada pelo comercialismo; todas as preocupações culturais se guiam pela intenção maior que é vender alguma coisa. Para vender é necessário criar e manter o hábito de consumir e, para que o consumo permaneça é necessário embotar a capacidade crítica do povo, em todos os seus domínios.

Ao se levantar ainda algumas reflexões finais, sobre uma educação para o futuro com a qual o indivíduo, dotado de uma consciência social, venha ser o verdadeiro homem-social e um cidadão do mundo, é preciso destacar a necessidade do desenvolvimento de uma cultura autônoma para este país, respeitadas as características regionais de sua população.

Para que um país tenha personalidade cultural, a honestidade de sua educação, adquirida em meio a uma liberdade de expressão criadora, deve levar o seu povo a discernir valores, obtendo um senso crítico de seleção, diante dos estímulos da cultura de massa; nesta tudo está previsto e predeterminado, inclusive o comportamento das pessoas. Quanto estarão os meios de comunicação, oferecendo oportunidades de expressão a todos os setores da população sem que haja a tendenciosidade? Tem eles oferecido estímulos para o crescimento da consciência crítica e da reflexão?

Conforme Coelho, (1983) "o fundamental no problema da comunicação e da indústria cultural está na estrutura mental e psíquica dos indivíduos receptores dessas informações; a saída, segundo o autor, está na criação de condições para que o indivíduo desenvolva a sua personalidade e reorganize a vida privada, evitando os meios de alienação da vida de massa em uma proposta possível de criar as condições de existência de uma consciência individual, realmente autônoma, capaz de gerar a sua identidade; do



contrário, sem essa passagem pelo desenvolvimento da estrutura psíquica e mental do homem, toda a opinião pública não passa de falta de opinião de massa", formada e dirigida pelos que mantêm o poder da divulgação.

A saída mais honesta para o desenvolvimento de uma personalidade cultural do país, necessária também para se obter nos indivíduos a consciência social e o sentido humano da universalidade, possivelmente seja partir para um total descompromisso comercial dos meios de comunicação; a ética, a honestidade e a expressão criadora do povo necessitam ser revigoradas. Os músicos, os artistas, os poetas, os cineastas e os atores necessitam criar com autenticidade, sem a preocupação de agradar a massa, e produzir comprometidos com a verdade e a beleza que existe em cada um; desta forma, eles serão os agentes catalizadores da cultura regional e nacional, do contrário se tem artistas e não existe arte.

A comunicação interpessoal, característica da sociedade tradicional, que muitos pensavam que seria suplantada pela comunicação impessoal dos meios eletrônicos, hoje está de novo em ascenso, talvez como uma reação contra a massificação e o comercialismo dos meios de massa. Mas, a razão mais provável da valorização do encontro, do bate-papo, talvez seja porque o homem-indivíduo está encontrando sua identidade verdadeira de homem-social. (Bordenave, 1982)

Se a educação tem como papel ensinar, tanto quanto é possível, a dominar o comportamento próprio, ela deve levar o indivíduo a tomar a responsabilidade sobre si mesmo integralmente, sem negligenciar, por desdém ou abdicação, nenhum dos fatores que condicionam o seu modo de existência e a sua faculdade de ação. Não há domínios separados do corpo, da alma ou do espírito; não há educação que não seja em certa medida física e a educação chamada física não pode ser exclusivamente física.

A vida exterior do homem é, em grande parte, reflexo do seu mundo mental. Dominar o pensamento e os sentimentos esparsos é restabelecer o equilíbrio mental e emocional. Na vida moderna, tudo leva à distração ao invés de favorecer a concentração.

A concentração favorece ao indivíduo tomar consciência de si mesmo e encontrar a liberdade. A liberdade é fator indispensável ao homem e contribui para a sua própria evolução. É a ca-

pacidade, oferecida ou conquistada, que possibilita tornar o indivíduo no que realmente ele é. O passo fundamental para a conquista da liberdade interior é optar por si mesmo.

Através da concentração e da liberdade interior, o indivíduo aceita a responsabilidade da própria vida como um valor, como um bem. A disciplina exterior transforma-se em auto-controle, necessário a enfrentar os princípios de vida que ele acatou, tendo em vista os valores que deseja alcançar. A emancipação pessoal, através do tempo livre, alcança o seu objetivo e se torna realidade, na medida em que este tempo livre é reconhecido como uma oportunidade do indivíduo fazer suas próprias opções fundamentais.

O progresso da educação para o futuro será impellido por influências tão acentuadas e radicais como as mudanças que deverão ocorrer em todas as esferas da vida.

Tudo leva a se acreditar que a história mundial, as experiências no campo da economia e as relações internacionais de todo o tipo serão cada vez mais estudadas.

O sinal de uma boa educação amanhã será desenvolver capacidades para gostar, entender e valorizar toda e qualquer nação ou país. O patriotismo do futuro será o patriotismo pela Humanidade; aquele que fará o cidadão desejar que o seu país desempenhe um papel modelar na vida internacional, e, a sua ambição pessoal será a de encontrar o espaço digno na sociedade, como um cidadão do mundo, em uma dimensão cósmica.\*

Ao longo do seu processo histórico, o homem vivenciou a primeira revolução social, com a criação da máquina, que veio trazer a economia do esforço físico no trabalho. É necessário que se reconheça que, nos dias atuais, vive-se a segunda grande revolução social causada pela introdução do computador na sociedade, o qual vem substituindo o homem no seu esforço mental.

A conquista da liberdade humana, através do uso da máquina, exigirá que a educação se volte ao desenvolvimento real do poder da mente.

O estudo deste desenvolvimento absorverá a atenção de muitos intelectuais de todas as áreas. O vasto tema da vida vibratória e irradiativa e dos fenômenos elétricos e magnéticos pro-

duzirá muitos ramos do saber.

A educação do futuro exigirá que o indivíduo pratique o raciocínio, a dedução e a analogia em torno de um objeto dado, até que ele produza uma idéia original ou uma sugestão criativa com referência a esse objeto. O pensamento criativo tomará o lugar da memória.

A liberdade e o respeito à pessoa humana, na educação que se prevê para o amanhã, exigirá que os educadores sejam cada vez mais criteriosamente preparados para a sua função. A seriedade profissional, chegará ao ponto do professor ter que desprezar a instrução programada, para dedicar-se a discussão de valores éticos e morais, de maneira a levar os seus alunos a entenderem a diferença entre o bem e o mal, entre o amor e o desamor, num processo consciente, no qual cada um compreenda-se corretamente e, nesta descoberta individual, desenvolva um interesse científico em todas as esferas abertas para os seus sentidos.

Pouco a pouco o homem ficará tão envolvido com sua crescente descoberta e compreensão de suas potencialidades mentais que, as formas exteriores de entretenimento, tais como aquelas, que agora se aprecia e se propugna, perderão quase toda a sua qualidade atrativa.

Para ALDER (1977), a mais absorvente de todas as ocupações do homem, no futuro, será saber o que ele pode fazer com a sua mente. Esta será por certo, uma nova dimensão de liberdade, para a qual muito poucos educadores têm se preocupado no momento.

Até que a conquista da própria mente seja obtida pela grande maioria das pessoas, através da educação, a qual muitos indivíduos ainda não tem acesso nos países em desenvolvimento, será necessário que o homem passe primeiro pela experiência de descobrir ainda as potencialidades do seu próprio corpo, funções dos seus órgãos, conhecimentos sobre como obter e economizar energias e, como usar as suas faculdades psico-motoras, no intento de se manter saudável.

Esta descoberta proporcionará um controle íntimo para as formas de agir, conduzindo o indivíduo para um modo de vida mais sadio que fará desaparecer muitas causas das deficiências. A estreita relação entre pensar e respirar, por exemplo, com a grande variedade de reações químicas produzidas por diferentes rit-

mos respiratórios, juntamente com o controle do pensamento que reside no coração, tornar-se-ão parte dos mecanismos conscientes do ser humano.

Será mais compreensível e desejável que uma comunidade competente deva esforçar-se a ser capaz de prevenir a doença ao invés de curá-la.

As pessoas não mais terão necessidade de que divertimentos emocionantes e hábitos antinaturais venham "distraí-las" das preocupações da vida.

O indivíduo normal e satisfeito aprenderá a ter consciência de seus instintos naturais e, como consequência, terá desenvolvido o hábito da temperança, alimentando o seu impulso criativo e cultivando as atividades de suas preferências no tempo livre.

Passada a euforia dos eventos de massa que, por um período talvez longo, ainda provocará muita alienação e tensões individuais, o homem descobrirá que somente em pequenos grupos, nos quais as pessoas se mantiverem unidas pela empatia, é que ele poderá sentir e saborear as suas próprias reações e ser ajudado na sua próxima descoberta individual.

Há um caminho que deveria já ter iniciado pelo ensino. É aquele no qual o indivíduo é estimulado a desenvolver uma consciência social a respeito dos problemas que o cercam e a dominar a evolução da sua sociedade.

Para se ensaiar novos modelos sociais será necessário demonstrar valores, debatê-los e vivenciar experiências nas quais aqueles valores esperados estejam presentes no ensino de hoje. O processo social deve ser analisado e avaliado pelo ensino.

Um aprendizado social, que preserve a individualidade e exalte as formas conscientes de agir, poderá contribuir para novas formas de convivência entre os homens e para o estilo de vida que os mesmos esperam alcançar para si e para as novas gerações.

Para isso será necessário o processo que auxiliará o indivíduo a tomar decisões dos problemas sociais que serão possivelmente cada vez mais complexos. Que se realize a experiência compartilhada; que a inquietude pessoal seja despertada em uma men

te aberta para o novo; que a meditação, a imaginação e a criatividade provoquem a existência de muitas idéias; que a prática da vida seja a expressão dos valores que o homem apregoa e que ele tenha enfim a capacidade e o direito de elaborar as suas su gestões para o bem comum e as possa ver aplicadas pela sociedade.

Pouco a pouco os indivíduos se organizarão socialmente, de acordo com o modelo de convivência que aprenderam desde a infância. Será compreendido que, por este meio, a realização suprema do desenvolvimento individual, em todas as fases da vida, é alcançada. Convencidos de que juntos poderão aproximar-se mais do conhecimento e do saber, os indivíduos se reunirão para aprender.

Na busca da verdade, sobre o mundo que o rodeia, o homem aprenderá que ela é relativa conforme o ângulo de visão de cada um; de acordo com as pessoas e as circunstâncias a verdade está mudando sempre e para todos. Firmar uma posição, a respeito de determinado fato, será estagnar e manter uma atitude irrelevante, ao passo que reagir, questionar e desejar sabedoria, identificando-se com a realidade do momento, será a ambição do homem do futuro.

A vivência em grupo garantirá a ausência da solidão, a existência do amor, da fraternidade e a amizade na vida; ela proporcionará objetivos definidos e permanentes entre os homens; será uma fonte de instrução e atualização digna de confiança e uma respeitável combinação de forças que atuará em benefício dos membros do grupo e da comunidade.

As bases de qualquer civilização repousam nas condições do sistema social e nas relações pessoais existentes entre grupos de uma comunidade, desde a família até aqueles que se formam com o espírito vicinal.

Na medida em que for reconhecido, o quanto as condições sociais em uma comunidade vão beneficiar-se por meio de iniciativas criadoras e inéditas, de romper as barreiras da desconfiança e da ignorância, entre os povos, entre os homens e entre o homem e a Natureza, será necessário educar as pessoas para que elas apoiem e participem das atividades de convivência e que, na ambição de se tornarem "gente", venham desempenhar as funções como cidadãos do mundo.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALDER, V. S. A Quinta Dimensão. (The Fifth Dimension - The Future of Mankind) Trad. Maio Miranda. São Paulo, Pensamento, 1977.
- ANNA BONDOIR. Uma Pedagogia para Amanhã. São Paulo, Cultrix, 1977.
- BORDENAVE, J. E. DÍAZ. O que é Comunicação. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- COELHO, TEIXEIRA. O que é Indústria Cultural. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- ELGOZY, GEORGES. Automação e Humanismo. Lisboa, Pórtico, s/d.
- FROMM, ERICH. A Revolução da Esperança. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.
- \_\_\_\_\_. Psicanálise da Sociedade Contemporânea. 8ed, Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- GAEZLER, LENEIA. O Recreio na Escola de Primeiro Grau. Porto Alegre, UFRGS, 1976.
- \_\_\_\_\_. As Atividades de Grupo e a Formação de Clubes. Porto Alegre, EMA, 1977.
- \_\_\_\_\_. Lazer, Benção ou Maldição?. Porto Alegre, Sulina, 1979.
- HAYEK, FRIEDRICH A. Os Fundamentos da Liberdade. Trad. ANNA MARIA CAPOVILLA e JOSÉ ITALO STELLE. São Paulo, Visão, 1983.
- LOWENFELD, V. El Niño y su Arte. Buenos Aires, Kapelusz, 1958.
- NOVAES, M. H. Psicologia da Criatividade. 2ed. Petrópolis, Vozes, 1972.
- PICKARD, P. M. A Criança aprende Brincando. São Paulo. Ibrasa, 1976.
- READ, HERBERT. O Sentido da Arte. São Paulo, Ibrasa, 1976.
- ROGERS, C. R. Liberdade para Aprender. Belo Horizonte, Interlivros, 1978.
- SILVA, N. PITHAN E. Recreação. 2ed. São Paulo, Brasil Editora, 1971.
- TOFFLER, ALVIN. Aprendendo para o Futuro. Brasil, Artenova, 1977.
- \_\_\_\_\_. A Terceira Onda. Rio de Janeiro, Record, 1980.

## PESQUISA EM EDUCAÇÃO FÍSICA:

Qual o retorno social deste saber?

*Prof. Apolônio Abadio do Carmo*  
*Univ. Federal de Uberlândia*

As pesquisas em Educação Física, atualmente no Brasil, precisam passar por processo de análise crítica, quer por parte dos pesquisadores, editores de revistas especializadas, professores de Educação Física ou leitores e interessados de um modo geral.

Quando coloco a necessidade desta reflexão é porque vejo que as linhas que estão norteando a grande maioria dos trabalhos conhecidos e publicados, trazem em sua essência os valores e méritos do tecnicismo, cuja principal preocupação é o método e a precisão dos resultados. Apoiados nos "princípios científicos" os pesquisadores no campo da Educação Física acreditam ser o trabalho mais eficiente e produtivo, principalmente quando se tem em mente o compromisso científico com a mãe "ciência".

Não se analisa ou se discute a verdade social dos resultados, ou a sua utilização numa sociedade de classes como a nossa. Colocando a "ciência" e seu produto como meio, o pesquisador deixa claro o ponto de vista da "neutralidade científica".

A grande maioria das pesquisas produzidas hoje no Brasil, na área de Educação Física, traz em seus resultados, conclusões que dificilmente serão socializadas, visto que, a própria forma de relato ou publicações ditas "científicas", impede que a maioria dos professores que trabalham no 1º e 2º graus, possa entender ou aplicar o conhecimento produzido, tal a sua distância com a realidade imediata, quer em termos de evolução da prática pedagógica, ou da própria capacidade do professor nestes níveis.

"Pensa-se que produzir conhecimento científico é a mesma coisa que produzir conhecimento metodologicamente rigoroso, ignorando-se totalmente a significação ou relevância do conhecimento produzido." (1)

(1) - ALVES, Rubens. Sobre Remadores e Professores. Curso de Atualização em Fundamentos da Pesquisa Educacional; UFU, mimeo. 1.984.

A "Comunicação científica" com seus códigos, valores e significados, é privilégio de uma minoria de intelectuais que por contingências sociais, conseguiram ter acesso ao saber dito "científico". E eu questiono então, o conhecimento produzido nas pesquisas é para ser socializado na busca da transformação da Educação Física como processo social, ou é apenas um passaporte para a utilização do saber como instrumento de dominação?

No estágio em que se encontra o ensino da Educação Física hoje no Brasil, em todos os níveis e graus, não se pode admitir que quantidades enormes de recursos materiais, humanos e financeiros, sejam gastos com pesquisas cujos resultados estão completamente descomprometidos política e socialmente com os professores de Educação Física, principais responsáveis pela perpetuação e desenvolvimento desta área do conhecimento.

Descobrir se o pé direito é maior que o esquerdo antes dos 12 anos de idade, ou saber qual o melhor ângulo do braço na puxada do nado crawl, ou ainda os efeitos da catecolamina no trabalho anaeróbico lático na criança de 7 anos, pode oferecer ao pesquisador um rigoroso e importante conhecimento, porém para o professor que trabalha com 45 crianças cujas características são as mais variadas possíveis (subnutridos, agressivos, apáticos, deficientes físicos) parece totalmente insignificante ou relevante.

E volto a perguntar: neste momento histórico, para quem está sendo produzido o conhecimento? Qual o retorno social deste saber?

Às vezes, quando me deparo com um relatório de pesquisa calcado nesta visão compartimentalizada de "ciência", e vejo o colega professor, com duas aulas semanais, com o conteúdo completamente desarticulado; com os alunos desmotivados não pela atividade mas pela própria circunstância social em que vivem, começo a pensar o quanto o sistema sócio-político e econômico conseguiu afastar a Educação Física da Educação. As elites intelectuais da Educação Física parecem ter esquecido ou não se atentaram para a visão histórico cultural de sua classe. Apenas se preocupam com a competência, com a eficiência e a eficácia dos trabalhos.

Esta onessão com o rigor parece dominar toda comunidade "científica", um exemplo claro disto, são os cursos de mestra



do e doutorado, que forçam o pesquisador a eleger muitas vezes, apenas as manifestações dos problemas, pois são mais fáceis e vestem melhor a camisa do método rigoroso, ficando a essência dos fenômenos desconhecidos, o que em última instância significa dizer que apenas estão descobrindo o descoberto ou o que se quer que descubram.

É sempre bom lembrar, que a ciência nos permite escolher o método para organizar, testar, medir ou racionalizar, o problema escolhido. Ela não pode e não deve nos dizer o que é relevante ou não. Esta decisão cabe ao investigador e tem a ver com os seus valores, comprometimento sócio-político-econômico histórico de sua classe. Com isto não estou querendo apenas que se deva fazer abordagem simplista dos fenômenos: não, o que coloco em discussão é o rigor, o método e suas vertentes filosóficas, uma vez da forma como tem sido utilizado, passou a ser mais importante que a própria relevância do problema. Lamentavelmente pensa-se mais no método do que na importância social da investigação.

Em seu trabalho "Aspectos Quantitativos da Metodologia de Pesquisa", com objetivos de descrição, avaliação e reconstrução, Michel J. M. Thiollent, deixa claro a diversidade do campo de estudo das ciências sociais, bem como a pluralidade dos níveis de abordagens possíveis, que vão desde a Metodologia Geral (de nível epistemológico), incluindo os problemas da explicação em ciência social, causalidade, teleologia e a discussão da especificidade das orientações gerais: positivismo, pragmatismo, behaviorismo, experimentalismo, fenomenologia, hermenêutica, dialética etc., passando pelas metodologias aplicáveis onde se define termos, formulações de hipóteses e as técnicas quantitativas, com as amostragens, referências, correlações, análises fatoriais, "pacotes" de computação, até os métodos de intervenção, pesquisas participantes, pesquisa-ação, intervenção sociológica e análise institucional.

Como podemos observar, existe um leque de possibilidades na escolha do método para o pesquisador, ficando toda responsabilidade do comprometimento ou não da pesquisa, em termos de relevância social, a cargo da postura do pesquisador. Como se vê também as pesquisas sociais apesar de complexas, precisam apoiar-se em método. A diferença como se viu, reside na escolha do método, fato este que possibilita ao pesquisador maior ou menor identificação com o objetivo pesquisado.

Ao refletirmos sobre os temas da pesquisa em Educação Física, estamos tentando alertar os ilustres intelectuais e pesquisadores desta área do conhecimento para a necessidade de se diversificar mais os modelos dos estudos.

As pesquisas em Educação Física precisam sair das armadilhas do experimentalismo e do quantitativismo exagerado e desprovido de argumentações. O dado mensurável é importante como meio ou suporte para as análises e tendências possíveis, porque assim como é importante sabermos em uma pesquisa se o autor fala de 10 ou 1.000 crianças, com fome, ou analfabetos, é importante, também, sabermos a posição do pesquisador face ao dado apresentado, isto é, saber se ele discute as determinantes do dado numa visão de totalidade.

Os pesquisadores precisam associar ao papel eminentemente explicativo do quantitativo, a denúncia, a crítica, o debate em torno dos dados. Não basta que consiga explicar o fenômeno tal como se apresenta na realidade, é preciso ir além, buscar o mediato ao dado, pois em Ciências Sociais, nem sempre a essência dos fenômenos se apresenta claramente ou de forma imediata.

Acredito que se os pesquisadores da Educação Física quisessem que seus trabalhos atinjam de forma conseqüente a grande massa de professores de 1ª e 2ª graus, deverão mudar suas abordagens, no sentido de levar ao professor, não um conhecimento sagrado e difícil de compreensão e aplicação, mas um conhecimento comprometido com a denúncia, com a crítica, na busca de soluções concretas em termos de transformação social.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALVES, Rubens. Sobre Remadores e Professores. Curso de Atualização em Fundamentos da Pesquisa Educacional. UFO, mimeo. 1.984.
2. MILLS, Wright. A Imaginação Sociológica. Zahar, Rio de Janeiro, 1.965. apêndios.
3. THIOLENT, Michel. Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária. Polis, São Paulo. 1.980.
4. VAZQUEZ, A. Filosofia da Práxis. 2ª ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro. 1.977.

29 CONGRESSO LATINO AMERICANO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, DESPORTO E RECREAÇÃO  
119 ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A APEF/RS - Associação dos Professores de Educação Física do Rio Grande do Sul, realizará no período de 31/3 a 6/4/85, na cidade de Tramandaí-RS, o 29 Congresso Latino Americano de Educação Física, Desporto e Recreação e o 119 Encontro Nacional de Professores de Educação Física.

O evento contará com o apoio da FIEP - Federação Internacional de Educação Física e da Prefeitura Municipal de Tramandaí.

Para garantir o sucesso, já foram convidados, entre outros, os seguintes palestrantes: PABLO BALLESTEROS (CHILE), ALFREDO FARIA JR. (BR), JUAN JOSÉ M. MOSQUERA (BR), JORGE OTAÑEZ (ARGENTINA), NEDSON VARIA (BR), ACELY ESCOBAR (BR), ADROALDO GAYA (BR), ANA CAMILA CARINGE (BR), LUIS TADEU DE ALMEIDA (BR), ALBERTO HUGO CORVOLON (ARGENTINA), ESTELIO M. DANTA (BR), NELSON ROCHE (URUGUAI).

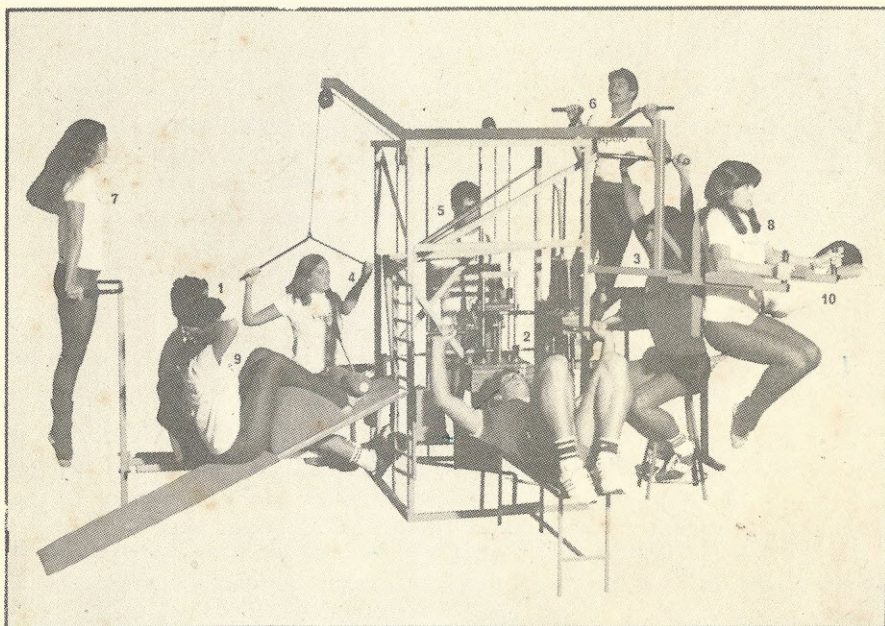
Os temas que serão abordados pelos palestrantes são: Educação na América Latina, Didática da Educação Física, Avaliação da Educação Física, Desafios para uma prática pedagógica, Aprendizagem motora, Esporte para Todos, Organização da Educação Física em nível regional, estadual, nacional e latino-americano, Treinamento esportivo escolar, Situação atual da Educação Física de base, pré-escolar e escolar, Problemas de saúde escolar, entre outros.

Serão ministrados os seguintes cursos: Atletismo Escolar (Prof. Hélio Carravetta - BR), Ginástica Jazz (Prof: José Anchieta - BR), Voleibol Escolar (Prof. Cilon Orth - BR), Handebol Escolar (Prof. Pedro Paulo Guimarães - BR), Treinamento Desportivo (Prof. Adroaldo Gaya - BR), Dança Escolar (Profª Nilva Pinto e Ronete Esteves Elias - BR), Recreação Escolar (Prof. Juan Carlos Cutrerra (Argentina), Ginástica Corretiva (Prof. Alberto Hugo Corvalan (Argentina).

Maiores informações poderão ser dadas pelo fone 21.58.22 a partir de 01/01/85 com o Prof. Marino.



# EQUIPAMENTOS MUSCULAÇÃO



## REPRESENTANTE NO RGS

### TRANSFORMA

APARELHO DE EXERCÍCIOS PROGRAMADOS "APOLO SENIOR"  
PARA CONDICIONAMENTO DE MULHERES, EXECUTIVOS,  
ADOLESCENTES E ATLETAS.

\* O QUE HÁ DE MAIS MODERNO EM GINÁSTICA  
COM RESULTADOS A CURTO PRAZO.

AVENIDA IJUÍ, 148 - FONE 31.4366 - PORTO ALEGRE